



Na mão certa

MONITORAMENTO

LANÇADOS OS INDICADORES DO PROGRAMA NA MÃO CERTA

REPORTAGEM

REDE CRIMINOSA ALICIA ADOLESCENTES PARA EXPLORAÇÃO SEXUAL

CASOS EXEMPLARES

O QUE O SETOR PRODUTIVO FAZ PARA ENFRENTAR O PROBLEMA



A importância da educação continuada na sensibilização do caminhoneiro

MOBILIZAÇÃO

Setembro • 2008

- Editorial 5
- Quem somos 6
- Programa Na Mão Certa 10
- Prestação de contas 14
- Educação continuada 18
- Meninas em situação de risco 22
- Compromissos e ações 26
- Pacto Empresarial 29
- Pontos vulneráveis à exploração 30
- Artigo: pacto pela infância 35
- Ações empresariais 36
- Indicadores do Pacto 56
- Redes de exploração 62
- Não basta apenas doar 72
- Artigo: o papel do multiplicador 76
- Organizações parceiras 78



CHILDHOOD

INSTITUTO WCF-BRASIL
www.wcf.org.br

Presidente do Conselho Deliberativo • Rosana Camargo de Arruda Botelho

Diretora-Executiva • Ana Maria Drummond

Coordenação de Programas • Anna Flora Werneck, Carolina Padilha e Itamar Gonçalves

Assessoria de Mobilização de Recursos • Ana Flávia Gomes de Sá

Assessoria de Comunicação • Tatiana Larizzatti

Assistente Administrativa • Mônica Santos

Rua Funchal, 160, 13º andar
Cep: 04551-903, São Paulo, SP
www.wcf.org.br

Revista Na Mão Certa

www.namaocerta.org.br

Coordenação Editorial • Eva Cristina Dengler

Editor • Marques Casara (RJ 19821)

Projeto Gráfico • Tatiana Cardeal

Redatores • Dauro Veras, Emerson Gasperin, Marques Casara e Paola Bello

Colaboradores • Elder Cerqueira e Marcelo Schmitt

Revisão • Clara Ywata

Execução e arte



CAPA: foto / Tatiana Cardeal. Agradecimento: Della Volpe



Rosana Camargo de Arruda Botelho, presidente do Conselho da Childhood Brasil.

O sucesso do Pacto Empresarial

Há pouco mais de um ano, quando lançamos o **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**, colocava-se diante de nós um enorme desafio: mobilizar o setor produtivo para enfrentar essa realidade tão cruel e complexa.

No Brasil do século 21, crianças e adolescentes ainda são sistematicamente aliciados por redes criminosas, que os roubam de suas famílias e os vendem nas estradas, numa espécie de jogo de gato e rato contra as autoridades, no qual os maiores prejudicados são sempre as crianças e os jovens sexualmente explorados.

Desde seu lançamento, a proposta do **Pacto Empresarial** foi a de reunir esforços, mobilizar empresas, governos e a sociedade civil organizada para enfrentar de uma vez por todas esse problema, que não pode mais ser admitido em um país que se pretende desenvolvido.

Ao terminar o primeiro semestre de 2008 com mais de 300 empresas signatárias, o **Pacto Empresarial** revelou-se uma estratégia poderosa. A expressiva adesão indica que as empresas socialmente responsáveis estão empenhadas em contribuir para acabar com a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

São metas audaciosas as que nos propomos cumprir. O primeiro e mais importante desafio é transformar em nossos aliados os cerca de 2 milhões de caminhoneiros que trafegam pelo Brasil. Este passo já está sendo dado graças ao projeto de educação continuada implantado pelo **Programa Na Mão Certa**, que prevê ações de médio e longo prazos para sensibilizar os profissionais que convivem diariamente com o problema.

O caminhoneiro precisa ser um agente de proteção dos direitos de crianças e de adolescentes. Para que isso aconteça de fato, um novo desafio se apresenta: será necessária a criação de mecanismos que alcancem

também as cadeias produtivas, os fornecedores, as transportadoras, os colaboradores mais distantes.

Esta iniciativa de sensibilização do caminhoneiro e o envolvimento da cadeia produtiva deve partir não apenas dos embarcadores e das grandes transportadoras, mas de todas as empresas que não querem seus profissionais envolvidos com essa prática nefasta e criminoso.

As empresas devem mostrar, na prática, que, sendo elas socialmente responsáveis, não podem admitir a exploração sexual de crianças e adolescentes em nenhum elo de suas cadeias de negócios.

Para que as ações ocorram conforme o planejado, não se pode esquecer da importância do monitoramento. Por essa razão, saudamos a criação dos **Indicadores do Programa Na Mão Certa**, um conjunto de ferramentas básicas que ajudará as empresas a melhor planejar suas ações e a mensurar os resultados alcançados. Lançados em 2008, após intensa preparação, estudos e consultas às empresas, os indicadores já estão disponíveis para todos os signatários do Pacto.

Esta edição da revista **Na Mão Certa** traz uma série de iniciativas desenvolvidas por empresas dos mais variados segmentos. Esperamos que elas inspirem idéias criativas e cumpram o papel de multiplicar as boas experiências, servindo como referência para projetos e ações de enfrentamento do problema.

A erradicação da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias não vai acontecer do dia para a noite. Os primeiros passos já foram dados e os exemplos estão aí. Mas muito ainda precisa ser feito.

Se a sua empresa ainda não é signatária do **Pacto Empresarial**, junte-se a nós nesta caminhada. Ajude a eliminar a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras, em nome de um futuro mais digno e com mais harmonia.

Foto: Marcelo Vitorino/Full Press

Pela proteção da infância

Nosso objetivo é promover e defender os direitos de crianças e adolescentes em situação de risco em todo o mundo.

Arquivo / Childhood

“Na vida de uma criança não pode haver, de maneira nenhuma, subnutrição, desamparo, drogas, abuso sexual, exploração sexual ou crimes de qualquer espécie. Não vamos mais tolerar isso.”

S. M. Rainha Silvia, da Suécia.



A Childhood Brasil (Instituto WCF-Brasil) é o braço brasileiro da World Childhood Foundation, organização sem fins lucrativos, criada em 1999, pela rainha Sílvia, da Suécia.

Além do Brasil, a World Childhood Foundation está presente na Suécia, nos Estados Unidos e na Alemanha e apóia mais de 100 projetos em 14 países. A sede brasileira fica em São Paulo.

A Childhood Brasil trabalha pela proteção da infância, com foco na questão do abuso e da exploração sexual, incluindo o da exploração sexual nas estradas, a exploração ligada ao turismo, o abuso on-line e a pornografia infantil na Internet.

O Brasil tem cerca de 27 milhões de crianças e adolescentes abaixo da linha da pobreza, 241 rotas de tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual, 1.918 pontos de exploração nas rodovias federais. Outros dados alarmantes, são a média mensal de 2.700 denúncias de abuso e exploração sexual infanto-juvenil e quase 30 mil denúncias de abuso on-line e pornografia infantil na Internet somente no primeiro semestre de 2008.

Práticas como essas, infelizmente, são comuns em todo o mundo. E, apesar da indignação que causam nas pessoas, continuam a ocorrer, na maioria das vezes an-

te uma certa indiferença da sociedade e sob o silêncio consentido ou receoso dos que convivem com as vítimas, como pais, educadores ou responsáveis.

Como representam uma agressão aos direitos das crianças e dos adolescentes e, por conseqüência, um risco para o seu desenvolvimento saudável, devem ser identificadas, denunciadas, combatidas e prevenidas.

A Childhood Brasil faz: trabalha pela solução de problemas que chocam as pessoas, todos sabem que existem, mas nem todos sabem como enfrentar.

Missão, Visão e Valores da Childhood Brasil

A Missão da Childhood Brasil é promover e defender os direitos das crianças e dos adolescentes, desenvolvendo e apoiando programas que visem preservar sua integridade física, psicológica e moral, com foco na questão da violência sexual.

Sua Visão é ser uma organização reconhecida pela relevância, pelo mérito e impacto de suas ações e pela luta em favor da população infanto-juvenil violada e ameaçada em sua dignidade e integridade.

Seus Valores são ética, transparência e integridade; cidadania e responsabilidade social; qualidade e compromisso com resultados e com a comunidade; multiplicação de conhecimento e experiência.

Como atua?

Três verbos, três princípios, três linhas definem a atuação da Childhood Brasil:

- 1) **Informar**, por meio de atividades e campanhas que esclareçam sobre a causa e a instalem na sociedade, melhorando o entendimento geral sobre ela.
- 2) **Educar**, articulando, mobilizando e orientando os esforços das empresas, governos e organizações sociais para a construção de soluções mais eficazes contra a violência sexual infanto-juvenil.
- 3) **Prevenir**, desenvolvendo projetos inovadores, com potencial de replicação, e fortalecendo instituições que protegem crianças e adolescentes em situação de risco.

Informar para Educar, Educar para Prevenir. Este é o lema da Childhood Brasil.

Exemplos de projetos e ações

Na linha de Informar:

- Campanhas de propaganda sobre abuso sexual, exploração sexual nas estradas, abuso on-line e pornografia infantil na Internet.
- Realização do Concurso Tim Lopes de Investigação Jornalística



pes de Investigação Jornalística, com o propósito de fomentar e melhorar a qualidade da cobertura jornalística da causa no Brasil.

- Ampla divulgação da causa por meio de informações transmitidas à imprensa.

Na linha de Educar:

- Criação do Programa Na Mão Certa, com o objetivo de articular governos, empresas e terceiro setor, formar caminhoneiros como agentes de proteção e fortalecer organizações de proteção à infância para a construção de soluções

mais eficazes contra exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

- Elaboração, publicação e distribuição da Cartilha Navegar com Segurança, que reúne um conjunto de dicas que podem ser adotadas por educadores, pais e responsáveis para a prevenção do abuso on-line.

- Criação do Programa Refazendo Laços e Projeto Laços da Rede, que têm a finalidade de reduzir os índices de violência doméstica e sexual. Professores, Conselheiros Tutelares e de Direitos, agentes de saúde, assistentes sociais, entre outros profissionais, são capacitados para exercer seus papéis na proteção de crianças e de adolescentes.



Na linha de Prevenir

- Desenvolvimento de Projetos em Comunidades com o objetivo de fortalecer organizações da sociedade civil que trabalham com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e de gerar conhecimento que pode ser replicado para outras localidades. Este é o caso da Associação Lua Nova (Araçoiaba da Serra/SP), que visa o fortalecimento da auto-estima, a geração de renda e a inserção de mães adolescentes como cidadãs.
- Implantação de Código de Conduta e de Manual de Procedimentos em parceria com empresas interessadas em prevenir a exploração sexual de crianças e adolescentes ligada ao Turismo e em promover o Turismo Sustentável no Brasil.
- Cooperação técnica com governos na elaboração de planos para prevenção da violência sexual infanto-juvenil.

Em Araçoiaba da Serra (SP), bebês de mães adolescentes são atendidos pela Associação Lua Nova, que busca a inserção social das famílias.



Arquivo / Lua Nova

Quantas pessoas são beneficiadas?

Em nove anos de existência, a Childhood Brasil já beneficiou mais de 700 mil pessoas, entre crianças, adolescentes, famílias e gestores de governos e de organizações da sociedade civil, em 16 Estados.

Os 63 projetos e os 11 programas estratégicos desenvolvidos movimentaram recursos da ordem de R\$ 13,6 milhões, produto da doação de pessoas e empresas em todo o mundo. Somente em 2007, foram investidos R\$ 2,5 milhões.

Como apoiar?

Você pode apoiar o trabalho da Childhood Brasil:

- Informando-se sobre a causa e o nosso trabalho para divulgá-los no seu círculo familiar e de amigos ou colegas de trabalho.
- Fazendo doações em dinheiro.
- Convencendo a empresa em que você trabalha a apoiar a Childhood Brasil e a participar de seus programas.
- Participando dos projetos e ações. Para mais informações, acesse www.wcf.org.br.



Tatiana Cardeal

Ana Maria, diretora executiva da Childhood Brasil.

entrevista

> Qual é o cenário atual, no Brasil, do abuso e da exploração sexual de crianças e adolescentes?

O Brasil é um país de dimensões continentais, onde o cenário da violência sexual contra crianças e adolescentes é preocupante e exige a atenção imediata de toda a sociedade. Só para citar alguns números da exploração, de acordo com o mais recente levantamento da Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, há incidência de exploração sexual infanto-juvenil em pelo menos 937 municípios do país. E são quase 2.000 pontos de risco de exploração identificados pela Polícia Federal nas rodovias brasileiras. No que diz respeito ao abuso sexual, a Internet, junto com inúmeros benefícios, trouxe para dentro das nossas casas um perigo que preferíamos imaginar estar distante: a ação de aliciadores e abusadores. Hoje são cerca de 30 mil denúncias mensais de abuso on-line e pornografia infantil. A implantação de uma política de legislação e fiscalização adequadas é, sem dúvida, fundamental. Mas é igualmente importante reconhecermos a necessidade de sermos proativos no acompanhamento do uso da Internet por crianças e adolescentes. Para tanto, a Childhood Brasil está distribuindo a cartilha Navegar com Segurança, que reúne uma série de dicas para pais, educadores e responsáveis na prevenção do abuso on-line.

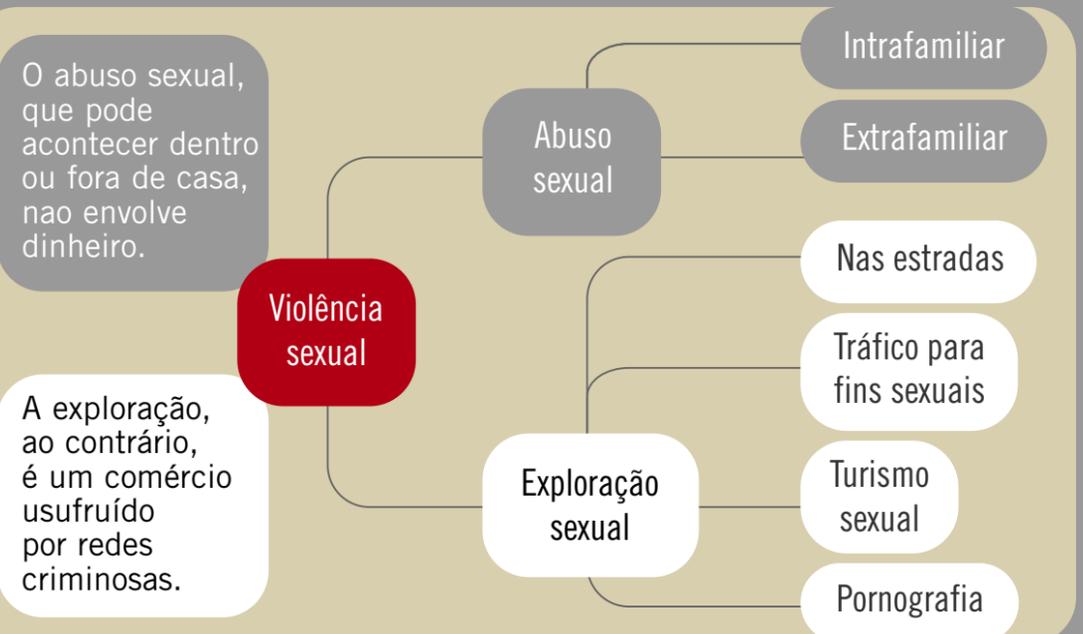
> Como você vê a maciça participação de empresas no Programa Na Mão Certa?

A alta adesão de empresas, de portes e segmentos variados, não acontece por acaso, nem por simples benevolência: a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas é prejudicial para a imagem das empresas e coloca em risco a sua sustentabilidade. Portanto, podemos dizer que esta é uma causa relacionada com a estratégia de negócios das empresas. A escolha por trabalhar a causa em parceria com a Childhood Brasil demonstra que a proposta do Na Mão Certa é consistente e que o pacto empresarial do Programa vem sendo legitimado no meio empresarial.

> O que é preciso fazer para acabar com a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas?

As redes de exploração sexual atuam de forma extremamente organizada e movimentam muito dinheiro. Para enfrentá-las, precisamos ser ainda mais profissionais, articulando esforços na implantação de um conjunto de soluções integradas envolvendo empresas, governos e sociedade civil. O Na Mão Certa vai ao encontro dessa necessidade. É um Programa no qual o dever da proteção da infância é compartilhado e os resultados são positivos para todos.

Diferença entre abuso e exploração sexual:



Entrevista: Ana Maria Drummond

> Como e por que a Childhood chegou ao Brasil?

A Childhood foi idealizada por S. M. Rainha Silvia, da Suécia, que é filha de mãe brasileira com pai alemão. A Rainha Silvia passou boa parte de sua infância e adolescência no Brasil, tendo residido em São Paulo. Teve oportunidade de conhecer de perto a realidade social do nosso país e, mais especificamente, de milhões de crianças e adolescentes vivendo em situação de risco. Quando fundou, em 1999, a World Childhood Foundation, elegeu o Brasil, seu “país do coração” como ela diz, como primeiro beneficiário de sua Fundação. A Childhood Brasil foi fundada no mesmo ano.

> Por que a opção pelo enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes?

Como chefe de Estado, a Rainha Silvia realiza visitas oficiais e participa de eventos internacionais, nos quais a temática da infância exposta à violência sexual e outras situações de vulnerabilidade é abordada. A Rainha Silvia levantou a bandeira desta causa ao criar sua Fundação. No Brasil, a Childhood foca especificamente a proteção da infância contra o abuso e a exploração sexual.



União de esforços

Tendo como carro-chefe a sensibilização dos caminhoneiros, o Programa Na Mão Certa aposta na educação continuada e na capacitação como chave para mudar a atual realidade.

A exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas é uma realidade que passou a fazer parte da preocupação de autoridades, organizações não-governamentais, sociedade civil organizada e empresas socialmente responsáveis. Forçar crianças e adolescentes a manterem relações sexuais em troca de dinheiro ou de qualquer outra forma de gratificação é uma violência grave, que traz sérios traumas físicos e psicológicos.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), 100 mil crianças e adolescentes são explorados sexualmente todos os anos no Brasil e há, conforme levantamento realizado pela Polícia Rodoviária Federal, 1.819 pontos de risco desse crime em nossas rodovias federais. Esse panorama é favorecido por questões sociais e culturais, que fazem dessa forma de obtenção de renda uma realidade em todas as regiões do país. A condição de pobreza em que vivem muitas famílias e a falta de oportunidades de emprego e educação estão entre os principais motivos que levam à exploração sexual de crianças e adolescentes.

Muitas vezes, esses problemas ocorrem também em famílias tecnicamente chamadas disfuncionais ou que registram abuso sexual intrafamiliar. Define-se como família disfuncional aquela que apresenta problemas sérios de relacionamento ou que não faz uma diferenciação clara entre os papéis familiares.

Questões culturais como o preconceito sócio-racial, o machismo e a possibilidade de o adulto exercer po-

der sobre a criança ou adolescente são outros fatores que propiciam a exploração sexual.

Para resolver problema tão complexo, é imprescindível que diferentes setores da sociedade unam esforços. É nessa articulação que se insere o Programa Na Mão Certa, desenvolvido pela Childhood Brasil.

Na Mão Certa

Em novembro de 2006, a Childhood Brasil lançou o **Programa Na Mão Certa**, para enfrentar o problema da exploração sexual nas rodovias brasileiras. “Escolhemos esse tema devido ao seu grau de complexidade e às grandes dificuldades existentes para a sua erradicação”, comenta a diretora executiva da Childhood Brasil, Ana Maria Drummond.

O Programa se orienta por três objetivos:

» 1º objetivo: promover a articulação entre os três setores da sociedade, o público, o privado e o terceiro setor. Essa articulação busca a atuação conjunta, a cooperação e a troca de informações e de experiências que aprimorem o enfrentamento do problema e o desenvolvimento de soluções.

» 2º objetivo: educar os caminhoneiros que trafegam pelo Brasil. O motorista está diretamente envolvido com a questão, pois trafega diariamente pelas estra-

das, vê o problema e muitas vezes é cliente da rede de exploração. Este objetivo parte do pressuposto de que esse profissional precisa ser sensibilizado e educado. Através de ações de educação continuada promovidas pelas empresas signatárias, a meta é capacitar os motoristas para que sejam agentes de proteção dos direitos de crianças e de adolescentes.

» 3º objetivo: promover o desenvolvimento das organizações que atendem crianças e adolescentes, principalmente os que se encontram em situação de risco maior. O Brasil possui 10,3 milhões de adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos. Destas, cerca de 3 milhões encontram-se em situação de extrema pobreza, o que não é determinante, mas facilita seu aliciamento por parte das redes criminosas de exploração sexual.



Tatiana Cardenal

“Escolhemos esse tema devido ao seu grau de complexidade e às grandes dificuldades existentes para a sua erradicação.”

• Ana Maria Drummond, diretora executiva da Childhood Brasil.

Na busca para atingir esses objetivos, o Programa lançou o **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**. Nos primeiros 18 meses, a maior conquista alcançada foi o grande número de adesões de signatários do **Pacto Empresarial**, que já ultrapassa 350 empresas. O **Programa Na Mão Certa** defende que uma empresa socialmente responsável não pode tolerar que haja qualquer vínculo com o problema em sua cadeia de negócios.

As empresas signatárias já começam a transformar esse conceito em prática e percebem o impacto da conscientização de seus profissionais da estrada.

Uma das principais propostas do Projeto de Educação Continuada é a promoção de discussões com os caminhoneiros acerca da exploração sexual de crianças e adolescentes, permeando outras questões de seu interesse profissional. O intento é que percebam a gravidade do problema e saibam como atuar para reverter essa situação enfrentada por meninos e meninas nas rodovias brasileiras – tudo isso sem se sentirem apontados como clientes do negócio criminoso, mas como agentes de proteção.

Ação para mudar

Que empresa deve se unir à causa? Qual a sua responsabilidade em relação a essa violação existente nas estradas? Como cada uma pode agir?

Todas as empresas que atuam em rodovias ou contratam os serviços de transportadoras ou de caminhoneiros autônomos são responsáveis pelo enfrentamento da exploração sexual nas estradas. “Não é possível fechar os olhos para a questão, como se fosse um problema alheio”, ressalta Ana Maria Drummond.

Apoiando-se no conhecimento e na metodologia propostos pelo **Programa Na Mão Certa**, muitas empresas já têm iniciativas concretas a apresentar e servem de modelo àquelas que ainda estão iniciando seus trabalhos (veja reportagens a partir da página 36). Ações aparentemente simples, mas aliadas a um esforço de diálogo e sensibilização do caminhoneiro, têm demonstrado grande eficiência.

Além das ações empresariais, há as atividades sociais desenvolvidas pelas empresas signatárias do pacto, como o exemplo do Projeto Juventude, Cidadania e Arte. Desenvolvida pela Concessionária Litoral Norte, em parceria com o Instituto Invepar e a Associação Comunitária e Recreativa de Volta do Robalo (Acravo), a iniciativa busca a geração de renda e o fortalecimento da auto-estima de jovens em situação de risco nas cidades de Arembepe e Abrantes (BA).



“O Programa trouxe à tona um assunto que estava à margem das discussões. Hoje, as empresas estão mobilizadas para acabar com o problema.”

Carolina Padilha,

coordenadora de programas da Childhood Brasil.

Com o esforço do **Programa Na Mão Certa**, através de seus parceiros e das empresas signatárias do **Pacto Empresarial**, já é possível enxergar um horizonte para esses meninos e meninas que hoje são vítimas das redes de exploração sexual existentes nas estradas brasileiras. O resultado de cada ação enche de entusiasmo os envolvidos na causa.

A participação crescente de todos os setores da sociedade só faz sedimentar a certeza de que estamos no caminho certo, como bem exprime a fala da criadora da Childhood, a Rainha Silvia, da Suécia: “Mais importantes que os números são as histórias de vidas transformadas que eles ilustram. São essas histórias, de inigualável riqueza humana, que alimentam o meu otimismo”.

Quem é quem no Pacto Empresarial

Desde que o Pacto Empresarial foi proposto, cresce o número de instituições dispostas a colaborar nesta junção de esforços. Como é explicitado no próprio texto do Pacto, o trabalho conjunto a que se propõem as signatárias diz respeito a ações bastante diversificadas. Envolve desde a sensibilização do caminhoneiro até a participação em campanhas e o apoio a organizações de defesa da infância e da adolescência.

Por meio de um balanço realizado em junho de 2008, foi possível ter uma visão geral das atividades em que atuam as signatárias, que na ocasião somavam 324. O estudo foi baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), uma estrutura elaborada pela Comissão Nacional de Classificação.

Transporte, armazenagem e entrega

Essas atividades, diretamente relacionadas às estradas, são as que reúnem mais empresas signatárias: quase 40% do total. Das 127 empresas envolvidas em serviços de transporte, armazenagem e entrega, a maior parte (87) tem a realização de transporte rodoviário de carga como atividade principal. As demais trabalham com armazenamento e atividades auxiliares.

Comércio

Cerca de 26% das signatárias atuam em atividades de comércio (85 empresas), sendo que 70 são representantes comerciais ou com atuação no comércio atacadista especializado, principalmente produtos alimentícios, bebidas e fumo. As demais atuam em comércio varejista não especializado ou especializado em artigos como peças de veículos, combustíveis, artigos para uso doméstico, roupas, produtos farmacêuticos, perfumaria e cosméticos.

Indústrias de transformação

Existem 45 empresas desse setor participando do Pacto Empresarial, correspondendo a cerca de 14% das signatárias. Treze empresas atuam na fabricação de alimentos. Outras trabalham na fabricação de produtos têxteis, de celulose ou produtos de papel, de biocombustíveis, de produtos químicos diversos, de produtos de borracha, de aparelhos e instrumentos de medida, de máquinas e aparelhos industriais, de caminhões e ônibus, ou ainda com confecção, atividades de impressão, siderurgia, manutenção ou reparação de máquinas e equipamentos.

Outras atividades

Correspondem a 6% das signatárias as 20 empresas envolvidas na prestação de serviços relacionados a atividades jurídicas, contabilidade, consultoria em gestão empresarial, arquitetura e engenharia ou publicidade. Em menor número, empresas de atividades como agricultura, petróleo, eletricidade, gás, resíduos, informação e atividades administrativas.



Prestação de contas

Conheça a história do Programa Na Mão Certa e as ações realizadas desde seu lançamento, em novembro de 2006.

Arquivo/Childhood-Brasil



O Programa Na Mão Certa foi lançado após intensos estudos, pesquisas e debates com organizações de defesa dos direitos de crianças e adolescentes, empresas, entidades empresariais e representantes do poder público.

A Childhood Brasil, idealizadora do programa, trabalha pela proteção dos direitos da criança e do adolescente. O seu foco de atuação é a violência sexual, um tema complexo, cercado de estigmas e quase sempre tratado somente como responsabilidade do governo, muitas vezes da polícia.

O problema da violência sexual é de toda a sociedade, inclusive do setor empresarial, que se aproxima dele quando caminhoneiros a serviço de empresas tornam-se clientes de redes criminosas que têm como negócio a venda de sexo com crianças e adolescentes na beira das estradas.

Ações do Programa Na Mão Certa

2002 »

Junho a dezembro • A divulgação da Pestráf (Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil), realizada com apoio da Childhood Brasil, identifica um ator muito importante nas estradas brasileiras: o caminhoneiro, que tem contato direto com o problema e muitas vezes torna-se cliente das redes criminosas de exploração sexual.

2004 »

Maio • realizada a primeira reunião entre VW Caminhões e a Childhood Brasil. Juntas, decidem investir no estudo do enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Setembro • Iniciada a pesquisa *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil*, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2005 »

Maio • A partir dos resultados da pesquisa é firmado um novo apoio entre a VW Caminhões e a Childhood Brasil, dessa vez para a construção do plano de ação e estruturação de um programa estratégico para trabalhar o tema.

Julho a novembro • São realizadas entrevistas com formadores de opinião e promovidos grupos focais com representantes dos três setores. O objetivo é avaliar os dados da pesquisa com os caminhoneiros e desenhar o plano de ação para o enfrentamento.

Dezembro • Início da estruturação do Programa Na Mão Certa.

2006 »

Fevereiro • A Childhood Brasil firma parceria com o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social.

Março/abril • Levantamento de boas práticas junto aos associados do Instituto Ethos e outras empresas correlatas ao setor de transporte rodoviário, com o objetivo de verificar o que está sendo realizado no âmbito empresarial relacionado ao tema.

• A Childhood Brasil firma apoio técnico com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e apoio institucional com o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Maio • Concluída a avaliação dos resultados da pesquisa de boas práticas junto aos associados do Instituto Ethos, nasce a proposta do **Pacto Empresarial Contra Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**.

Junho/agosto • Definida a produção da revista Na Mão Certa, com o objetivo de sistematizar as informações colhidas pela Childhood Brasil e servir como ferramenta de divulgação do Pacto Empresarial.

Setembro • Iniciadas as articulações com os associados do Instituto Ethos e empresas relacionadas ao setor de transportes para assinatura do **Pacto Empresarial Contra Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**.

Outubro • Pré-lançamento do Programa Na Mão Certa em evento de assinatura do Pacto Empresarial no Setcesp (Sindicato das Empresas de Transporte de Carga de São Paulo), com objetivo de sensibilizar e mobilizar o setor de transportes rodoviários em São Paulo.

Missão

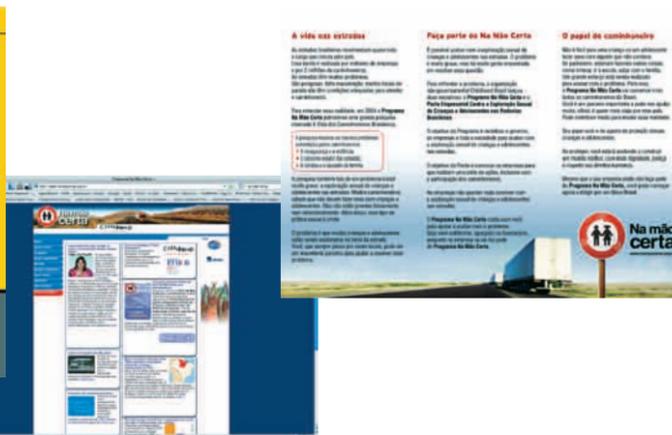
O Programa Na Mão Certa nasceu com o propósito de unir sociedade, governos e empresas para enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias que cortam o país.

O início das atividades teve como principal referência a pesquisa *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil*, realizada entre os anos de 2004 e 2005 em diversos estados do país. Esse trabalho representa o mais completo estudo já realizado sobre a relação desses profissionais com o tema da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Uma das estratégias do Programa Na Mão Certa é a mobilização empresarial e a sensibilização do caminhoneiro. As ações visam transformar o profissional da estrada em agente de proteção dos direitos de crianças e de adolescentes.

Em 2006, com o lançamento do Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras, elaborado em parceria com o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, o Programa Na Mão Certa consolidou uma importante parceria com o setor produtivo, ao mobilizá-lo para incluir o tema na agenda da responsabilidade social empresarial.

Muita coisa aconteceu desde 2004, quando foram realizadas as primeiras reuniões e a pesquisa com os caminhoneiros. No quadro a seguir, apresentamos a história do Programa Na Mão Certa em ordem cronológica, destacando as principais realizações.



2006 »

Novembro • No dia 26, em evento na Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), é oficialmente lançado o **Programa Na Mão Certa**, com a missão de unir os três setores para enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas brasileiras.

• Lançamento do **Pacto Empresarial Contra Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**, já com 65 empresas e entidades empresariais signatárias.

• Apresentação da campanha institucional do **Programa Na Mão Certa** com o tema "Vamos acabar com a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas". O objetivo é sensibilizar empresas, caminhoneiros e a sociedade em geral. A campanha é veiculada em revistas, sites de internet e principalmente em veículos de comunicação das empresas signatárias do Pacto.

• Lançamento da primeira edição da revista Na Mão Certa.

• Lançamento do site do **Programa Na Mão Certa**.

2007 »

Maio • Lançamento do Boletim Informativo Na Mão Certa, enviado quinzenalmente, via correio eletrônico, para assinantes.

• Realização do I Encontro Empresarial Na Mão Certa, com a participação de 44 empresas signatárias do Pacto.

• O Programa completa seis meses com mais de 140 empresas signatárias.

Junho • Lançamento da campanha "Bem-vindo a um Novo Brasil", para engajamento de caminhoneiros no **Programa Na Mão Certa**.

Agosto • Bovespa incorpora o tema da exploração sexual ao Índice de Sustentabilidade Empresarial.

• Guia Exame de Sustentabilidade inclui o tema da exploração sexual no questionário.

• Lançamento do Projeto de Educação Continuada, com o objetivo de orientar as empresas sobre como agir e dar a elas instrumentos pedagógicos para serem usados junto aos seus colaboradores, principalmente caminhoneiros.

Agosto • Lançamento do Guia Compromissos e Ações, que oferece aos pontos focais das empresas o passo-a-passo para implantar os compromissos do Pacto Empresarial junto aos seus públicos.

• Início do Ciclo de Workshops Regionais, voltados para a capacitação das empresas signatárias do Pacto e parceiras do **Programa Na Mão Certa**. O primeiro encontro foi realizado em São Paulo e contou com o apoio das empresas Arcor e C&A Modas.

Setembro • 2º Encontro do Ciclo de Workshops Regionais, realizado em Curitiba com o apoio da Volvo.

Outubro • 3º Encontro do Ciclo de Workshops Regionais, realizado em Salvador com o apoio da Braskem.

• Divulgação dos Indicadores de Acompanhamento dos compromissos do **Pacto Empresarial Contra Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**.

• Lançamento do primeiro volume do Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros. Com uma tiragem de 100 mil exemplares, apresenta o **Programa Na Mão Certa** ao caminhoneiro.

• Lançamento do vídeo e do folheto institucional do **Programa Na Mão Certa**, voltados para a mobilização do setor empresarial e que teve apoio da Pamcary.

Novembro • Programa comemora um ano, com 221 empresas signatárias.



2008 »

Janeiro • Lançamento do volume 2 do Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros. Com tiragem de 80 mil exemplares, aborda o tema infância e adolescência.

• 4º Encontro do Ciclo de Workshops Regionais, realizado em São Paulo com o apoio das empresas Kimberly-Clark e Scania.

Maio • Lançamento do volume 3 do Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros. A tiragem de 100 mil exemplares contou com o apoio especial da Unimed Nordeste-RS. O tema desse guia é a saúde.

• Após 18 meses, o Programa conta com mais de 300 empresas signatárias.

Agosto • Lançamento do Manual dos Indicadores de Acompanhamento dos Compromissos do **Pacto Empresarial Contra Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**, que visa auxiliar no planejamento e na execução das ações.

• Lançamento da segunda edição da revista Na Mão Certa

Uma ação educativa continuada e permanente é requisito fundamental para o sucesso do enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.



Camionheiros da Luft após uma etapa de treinamento realizada na sede da empresa.

A importância da Educação Continuada

O Programa Na Mão Certa pode ser resumido em uma frase: mobilização de esforços para acabar com a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras. Hoje, esse tema freqüente a agenda não apenas de organizações tradicionalmente envolvidas com a questão, como ONGs e órgãos públicos. Empresas de todos os tamanhos e setores se aliam à causa e estão diretamente ligadas ao enfrentamento desse problema.

Mas nem sempre foi assim. Em 2004, falar sobre o assunto com a iniciativa privada era tocar em um tabu, mexer com um tema que causava até certo constrangimento. Ouvia-se algo mais ou menos assim: você não tem outro projeto para nos propor?

Passados quatro anos, muita coisa mudou. É bem verdade que crianças e adolescentes ainda continuam na beira da estrada e as redes criminosas seguem aliciando jovens por todo o país. Mas uma mobilização

inédita teve início. Ela aconteceu por iniciativa da **Childhood Brasil**, que em 2004 começou a estudar o assunto e em 2006 lançou o **Programa Na Mão Certa** e o **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**, iniciativa que contou com a parceria do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social.

Hoje, mais de 350 empresas são signatárias do **Pacto Empresarial**, que tem o propósito de desenvolver ações que ajudem a acabar com o problema nas estradas. Descontados domingos e feriados, são duas novas adesões por dia, o que surpreendeu até mesmo os responsáveis pela iniciativa. “Esperávamos resistência das empresas, por conta da complexidade do tema”, lembra a diretora executiva da **Childhood Brasil**, Ana Maria Drummond. “Porém, o que vimos foi uma postura muito madura. O empresariado rapidamente percebeu que o problema estava mais próximo do que se imaginava.”

Isso porque a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas está ligada à cadeia de negócios de empresas que usam o transporte rodoviário para movimentar suas mercadorias. A pesquisa intitulada *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil*, realizada em 2004, mostrou que 36,8% dos caminhoneiros entrevistados já fizeram sexo, durante suas viagens, com crianças ou adolescentes em situação de exploração.

Foco na educação

A serviço de transportadoras e indústrias, o motorista envolvido com a exploração sexual gera um problema não apenas para si, mas para toda uma cadeia de negócios. “Empresas socialmente responsáveis não podem admitir que profissionais a seu serviço se envolvam com a exploração sexual de crianças e adolescentes”, alerta o presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Ethos, Oded Grajew.

Divulgada a pesquisa com os caminhoneiros durante o lançamento do **Pacto Empresarial**, em novembro de 2006, na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), as empresas não demoraram a agir. Planejaram e implantaram ações educativas e preventivas junto a seus colaboradores e passaram a incentivar que outras fizessem o mesmo. A C&A, por exemplo, incluiu uma cláusula de compromisso nos contratos firmados com todas as transportadoras contratadas para movimentar suas cargas. A cláusula exige três ações delas: que assinem o **Pacto Empresarial**, divulguem as atividades educativas do **Programa Na Mão Certa** entre os motoristas e apóiem projetos de reintegração de crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual.

Na Binotto, uma das maiores transportadoras do país, todo motorista passa por um treinamento que o capacita a atuar como agente de proteção dos direitos de crianças e de adolescentes. Após a capacitação, o motorista é convidado a assinar um termo onde assume o compromisso de não se envolver com a exploração sexual de crianças e de adolescentes. O documento também prevê que ele efetue a denúncia, nos órgãos competentes, no caso de identificar uma ocorrência em postos de abastecimento, terminais de cargas ou outros locais freqüentados por caminhoneiros da Binotto.

Assim como as empresas citadas acima, dezenas de outras já iniciaram, em diferentes níveis, a implantação das etapas previstas no **Pacto Empresarial**, como mostram as reportagens a partir da página 36.

Com o objetivo de contribuir para o cumprimento do primeiro compromisso do **Pacto**, o **Programa Na Mão Certa** criou um Projeto de Educação Continuada.

Ele tem o objetivo de orientar as empresas sobre como agir diante do problema e dar a elas instrumentos pedagógicos para serem usados junto a seus colaboradores, principalmente caminhoneiros, sejam eles contratados ou terceirizados.

Os compromissos do **Pacto** também falam diretamente da qualidade de vida, do treinamento e da capacitação dos caminhoneiros que atuam para a empresa signatária. Através da valorização desse profissional, melhorando sua auto-estima, podemos contar com ele como nosso aliado no enfrentamento do problema.

O **Programa Na Mão Certa** pode ser o “motivo” para criar a ambiência necessária que levará esses profissionais a um processo de educação continuada. Segundo vários depoimentos dos próprios motoristas, existe uma carência de informação, orientação e transmissão de conhecimento. No entanto, não pode ser esquecido que esse profissional deseja e precisa ser ouvido, pois só ele tem as informações do que acontece nas estradas.

- Para o Programa estar presente no dia-a-dia desse público, três passos precisam ser considerados:
1. Criar uma “ambiência” para estabelecer um relacionamento;
 2. Promover a educação continuada;
 3. Medir os resultados, ouvindo o caminhoneiro.

Um relacionamento só pode ser estabelecido quando houver um ambiente de troca de experiências, informações e conhecimentos. Ambos os lados precisam falar e ouvir. O Projeto de Educação Continuada permeia todas as ações do Programa, e o caminhoneiro é peça-chave nesse processo.

A pesquisa *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil* apontou que mais de um terço desses profissionais já teve relações sexuais com criança ou adolescente. O objetivo é transformar o caminhoneiro em agente de proteção dos direitos de crianças e de adolescentes.

São quase 2 milhões de profissionais transitando pelo país. Além de conviver diariamente com o problema, muitos também são clientes das redes de exploração. Boa parte deles nem sequer tem a percepção sobre o fenômeno e sobre o mal que causam a essas crianças e adolescentes. A pesquisa feita com os caminhoneiros revela dados esclarecedores sobre o que pensa e como vive esse profissional. Ela está disponível para download no site do **Programa Na Mão Certa**.

Programa Na Mão Certa.

O Projeto de Educação Continuada segue etapas definidas. Uma delas é a realização do Ciclo de Workshops. São atividades periódicas que acontecem em todas as regiões do Brasil, onde os representantes das empresas recebem informações e materiais que contribuem para suas ações internas e externas, principalmente no que diz respeito à educação continuada dos caminhoneiros.

“Esses encontros nos permitem reunir dados e trocar experiências”, conta o gerente de logística da Copagaz, Aldo Fernando Kressin, que participou do primeiro workshop, realizado em agosto de 2007. “Vamos sensibilizar nossos motoristas e divulgar a campanha por meio de adesivos colados em todos os caminhões que distribuem nossos produtos”, diz ele.

Para muitos dos pontos focais e dos multiplicadores indicados pelas empresas, os encontros representam o primeiro contato com o tema. “O workshop nos deu os subsídios necessários para iniciar a implantação das ações”, comentou o coordenador de transportes da Gerdau, Elenaudo Linhares de Almeida Arrais, que participou de uma reunião realizada em São Paulo.

Os workshops têm oficinas específicas para pontos focais e multiplicadores.

As oficinas voltadas para os multiplicadores têm como foco a atuação direta com o caminhoneiro. O multiplicador é o profissional que faz a ponte entre o **Programa Na Mão Certa** e o motorista.

Como suporte, o Programa desenvolveu um material de capacitação intitulado Guia do Projeto de Educação Continuada para os Multiplicadores. É um material didático que dá ao multiplicador os subsídios necessários para atuar junto aos motoristas.

Caminhoneiros

Para o profissional da estrada é colocado à disposição, por meio das empresas, o Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros. É a principal ferramenta didática de conscientização e capacitação e está disponível para todas as signatárias do **Pacto**.

A escolha dos temas abordados nesses materiais teve como ponto de partida a construção de um guia de referência, no qual foram relacionados todos os assuntos de interesse do caminhoneiro. Nesse processo houve o envolvimento direto das empresas signatárias, que participaram de reuniões com o **Programa Na Mão Certa** e contribuíram na escolha dos temas e na ordem de publicação ao longo do ano de 2008.

A coleção de Guias Na Mão Certa é composta de oito volumes, a serem lançados nos próximos meses, com a seguinte abordagem:



- GUIA 1: A exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas;
- GUIA 2: Os direitos da criança e do adolescente;
- GUIA 3: A saúde do caminhoneiro;
- GUIA 4: A família do caminhoneiro;
- GUIA 5: Segurança;
- GUIA 6: Drogas e álcool;
- GUIA 7: Meio ambiente;
- GUIA 8: Direitos humanos.

Uma ação educativa continuada e permanente é requisito fundamental para o sucesso do enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. Ações isoladas, pontuais, e a simples repressão por parte dos órgãos de segurança já confirmaram sua ineficácia. “Ter no caminhoneiro um aliado, atuando como agente de proteção dos direitos de crianças e adolescentes, nos dará resultados muito mais efetivos”, avalia a coordenadora do **Programa**, Carolina Padilha. “Estamos na mão certa e só temos a agradecer o empenho das empresas, que realizam um trabalho inédito no campo da responsabilidade social, principalmente porque multiplicam suas ações para toda a cadeia de negócios.”



“As meninas
são um
serviço
que o posto
tem.”

Pesquisa mostra que a precariedade dos locais de parada e o tempo ocioso à espera da carga são determinantes para a prática da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Foto: Tatiana Cardeal

Leitura de dados da pesquisa *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil*, que serviu como um dos principais subsídios para a criação do **Programa Na Mão Certa**, revelam novas informações qualitativas sobre o comportamento do caminhoneiro em relação à exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. Tabuladas no primeiro semestre de 2008, as estatísticas mostram que os caminhoneiros envolvidos com esse problema são os que ficam mais tempo parados em filas de carga ou em postos de abastecimento. “Estar parado sem nada pra fazer, sem opção de lazer ou entretenimento, é um fator de risco para o envolvimento do caminhoneiro com o problema”, informa o psicólogo Elder Cereira Santos, um dos responsáveis pela pesquisa.

Contribui, segundo o levantamento, a precariedade dos locais de parada disponíveis para os caminhoneiros: eles não têm nada para fazer quando estacionam o caminhão, seja no posto de abastecimento ou em locais de carga e descarga. “Não há opção de educação, de entretenimento. Muitas vezes o caminhoneiro não tem sequer um chuveiro com água quente”, explica Elder.

Falta de opção

O Perfil do Caminhoneiro no Brasil foi construído a partir de 239 entrevistas realizadas com motoristas de 26 estados do país. A pesquisa, disponível para download no site do **Programa Na Mão Certa**, mostrou dados fundamentais para a compreensão do fenômeno. O objetivo foi conhecer o caminhoneiro e obter dele, entre outras informações, sobre a forma como se relaciona com a temática da exploração sexual de crianças e adolescentes, já que está exposto ao problema em praticamente todas as estradas por onde trafega. Os dados levantados subsidiaram as ações do **Programa Na Mão Certa** e serviram como referência para a criação do **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras** (leia na página 29).

Com a nova tabulação de dados, fica estatisticamente comprovado o que na prática todos sabiam: a ociosidade do caminhoneiro e a falta de opções em locais de parada são um fator fundamental para a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias. “O posto de abastecimento é o local de maior risco. Os proprietários precisam mudar sua postura em relação à exploração sexual e oferecer serviços de qualidade para o caminhoneiro”, avalia a responsável pela área de treinamento do Grupo Luft, Joice de Souza Pereira.

As empresas de transportes signatárias do Pacto Empresarial começam a perceber que a sensibilização do caminhoneiro será mais eficiente à medida que eles tenham um ponto de parada adequado, com serviços de qualidade e ações de enfrentamento da exploração sexual. “O caminhoneiro passa muito tempo fora de casa. Ele precisa ter locais de parada que ofereçam condições adequadas”, explica Joice.



Elder Cerqueira,
psicólogo, um dos responsáveis pela pesquisa com os caminhoneiros.

Foto: Papel Social

A Luft, por exemplo, já tem planejada uma ação direta junto aos postos de abastecimento. A empresa vai catalogar todos os postos existentes nas rotas de seus caminhões e optar apenas por aqueles que se empenham no enfrentamento da exploração sexual. “Existem postos que oferecem até mesmo quartos para o caminhoneiro ter relações sexuais com crianças e adolescentes. Esse posto não serve para nosso profissional. Vamos conversar com os donos de postos e sensibilizá-los para a causa”, informa Joice.

O depoimento dos caminhoneiros entrevistados pelos pesquisadores é bastante esclarecedor em relação à responsabilidade dos postos de abastecimento. “As meninas são como um tipo de serviço que o posto tem. Não há nada pra fazer aqui e então não tem como resistir”, diz um dos motoristas. Seu colega segue na mesma linha: “O pessoal sabe que elas estão aqui e sabem que se mandar embora o posto se esvazia, porque nós vamos embora também”.

A reportagem da revista Na Mão Certa questionou dois gerentes de postos de abastecimento. Os dois locais são apontados pela Polícia Rodoviária Federal como pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes. O primeiro deles, gerente de um posto

próximo à cidade de Sinop, no Mato Grosso, foi enfático ao se eximir da responsabilidade pelo problema: “Essas meninas estão aí porque querem, porque as mães permitem que estejam aí. Nós, aqui no posto, não temos nada a ver com isso”.

O gerente do outro posto segue na mesma linha: “Não temos nada a ver com isso. Isso é com elas, vai conversar com elas e pergunte por que estão aqui. Nós não obrigamos essas moças a ficar aí a noite toda”.

Responsabilidades

A falta de percepção sobre o problema, o preconceito e a resistência em assumir a responsabilidade pelo que acontece dentro da área do posto serão as principais barreiras a serem enfrentadas no processo de sensibilização dos proprietários de postos de abastecimento. “É fundamental que eles sejam informados sobre o problema e que façam a sua parte no enfrentamento”, comenta a responsável pelo treinamento na Transportes Luft.

Os pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul visitaram dezenas de postos de abastecimento durante a coleta de dados. Sobre os pontos de parada, os profissionais reclamaram, principalmente, da má higiene dos banheiros e da má qualidade da co-

mida. Como as entrevistas foram realizadas nesses mesmos locais, os pesquisadores puderam confirmar “na pele” essas reclamações dos caminhoneiros.

Trata-se de locais sem nenhum conforto para os motoristas, quase sempre muito malcuidados e sujos. Os locais com refeição também se caracterizam por uma comida de baixa qualidade e com preços relativamente altos para o serviço oferecido. Apenas um posto, na cidade de Belém, destacou-se pela organização, limpeza e uma boa estrutura (sala de TV e banheiros limpos). O restaurante, organizado e de boa comida, porém, não era muito bem-visto pelos caminhoneiros, dado o alto preço que cobrava.

Em várias entrevistas, os motoristas denunciaram a convivência dos postos de abastecimento. “Em alguns lugares do Brasil é muito comum. Aqui mesmo, neste posto, o que não falta é menina, é só querer que elas vêm”, disse um caminhoneiro entrevistado em uma rodovia localizada no estado do Pará.

Durante a pesquisa, ficou visível a diferença de postos de gasolina que parecem compactuar com esse tipo de prática e outros que não a aceitam. Os caminhoneiros relataram esse fato, e os próprios pesquisadores verificaram a existência de postos que incluem meninas na sua lista de “serviços” (restaurante, abastecimento, etc.), como um atrativo a mais para os seus clientes. Nesses locais, caminhoneiros acompanhados de suas famílias não costumam parar para pernoitar.

Ociosidade

Não houve por parte dos caminhoneiros nenhum “pudor” ou vergonha em falar da sua vida sexual ou de já terem saído com meninas menores de 18 anos, fato que poderia ser esperado dada a natureza da temática, das questões morais e legais envolvidas. Esse fato, de certa forma, chamou atenção da equipe de pesquisa e pode alertar para a “força” que o fenômeno da exploração sexual de crianças e adolescentes possui. Percebe-se uma naturalização do fenômeno, que quase não provoca

mais espanto entre os caminhoneiros.

Entre os 239 caminhoneiros que participaram da pesquisa, 85 afirmaram que, em algum momento da vida, já tinham feito programas sexuais com meninas ou adolescentes. A fim de identificar semelhanças e diferenças entre esses dois grupos, foram realizadas algumas análises estatísticas.

Verificou-se que não há diferença entre esses dois grupos quanto ao perfil sociodemográfico (idade, estado civil, com filhos ou não e escolaridade). No entanto, no que se refere à caracterização da profissão, verificou-se uma diferença entre os grupos. Os clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes são os que passam mais tempo em postos de abastecimento ou em outros pontos de parada esperando a carga (média de 51 horas, enquanto o grupo de não-clientes passa cerca de 39 horas).

Para o grupo de clientes da exploração, a principal parceira sexual quando estão na estrada são as prostitutas (60,5%), seguidas por “parceira eventual” (relação sem caráter comercial 27,4%) e companheira (namorada/esposa), com 11,3% das respostas.

Esses dados indicam que os homens que se declararam clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes formam o grupo mais amplo de clientes do comércio sexual em geral (incluindo prostitutas adultas). No que se refere a outras questões sobre o comportamento sexual (relações sexuais/semana quando está em casa, satisfação com a vida sexual, importância do sexo na vida e uso de métodos para evitar Aids e doenças sexualmente transmissíveis - DSTs), também não foi verificada diferença entre os grupos.

Os dados da pesquisa com os profissionais do volante sugerem, portanto, que clientes e não-clientes da exploração relatam uma média semelhante de relações sexuais quando estão em casa, o mesmo nível de satisfação com a vida sexual e de importância geral atribuída ao sexo na sua vida, além da mesma frequência de uso de métodos para evitar Aids e DSTs.

O grupo de clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes revelou um maior número de relações sexuais por semana quando estão na estrada (média de 2,29 encontros), se comparado ao grupo de não-clientes (média de 1,43).



Pesquisa com os motoristas foi a maior do gênero realizada no Brasil.

Direitos da criança

Quanto ao conhecimento sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, também foi encontrada diferença significativa entre os grupos de caminhoneiros. Aqueles que são clientes da exploração demonstraram menos conhecimento dos direitos das crianças.

Análises estatísticas revelaram, ainda, que o fato de ter o hábito de sair com prostitutas é o mais forte indicador do envolvimento com a exploração. Tal constatação reafirma a idéia de banalização do sexo e da naturalização do uso de serviços sexuais como meio de ter prazer e diversão num ambiente hostil e com poucas possibilidades de lazer. De forma semelhante, o ato de dar carona para crianças e adolescentes está relacionado com o envolvimento como cliente da exploração. Para os participantes da pesquisa, dar carona não parece ser um problema. No entanto, a partir da carona podem utilizar explicações como “ela se ofereceu” ou “não foi um programa, só me agradeceu pela carona”, na tentativa de culpabilizar a criança e minimizar a situação de exploração.

A comparação de outras variáveis sobre o esquema de trabalho (dias por mês na estrada, vínculo fixo de trabalho com empresa ou irregular) entre os grupos não mostrou diferenças significativas. Os dois grupos, portanto, apresentam perfis de “esquema de trabalho” bastante semelhantes.

O fato de o perfil (sociodemográfico e profissional) de clientes e não-clientes ser muito semelhante reforça a idéia de que o envolvimento com a exploração passa também por razões circunstanciais. Nesse sentido, estar parado em um posto “sem nada pra fazer”, sem opção de lazer e entretenimento, se constitui, segundo a pesquisa, num fator de risco para o envolvimento dos caminhoneiros com crianças e adolescentes em situação de cliente da exploração.

Dada a má qualidade dos pontos de parada e a ausência de perspectivas concretas de lazer, levanta-se a necessidade de investimentos na melhoria desses locais e no desenvolvimento de ofertas de lazer para essa categoria. Apesar de os dados do estudo revelar a satisfação dos caminhoneiros com a renda obtida, sobretudo por sua



baixa escolaridade, destaca-se que se trata de uma atividade altamente estressante e limitadora. Esses caminhoneiros vivenciam más condições de trabalho, como estradas

precárias, violência por roubo de cargas e falta de serviços apropriados nos locais de parada. Além disso, são homens que passam grande parte do tempo longe de suas famílias e com uma rede de amigos insólita, caracterizando grandes momentos de solidão.

Dentro desse quadro da realidade profissional, a pesquisa aponta para a necessidade de uma reflexão sobre as atividades exercidas por esses homens em seus momentos de lazer. O “sexo fácil” e o apelo erótico do meio onde convivem contribuem para a vulnerabilização desses profissionais para tornarem-se clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. “Não se trata de diminuir a responsabilidade de cada um nessa questão, mas de entender alguns condicionantes desse comportamento, muitas vezes impensado”, avalia o psicólogo Elder Cerqueira.

Atenção ao caminhoneiro

Segundo os autores do estudo, os resultados desse novo recorte da pesquisa *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil* ressaltam a necessidade de se evitar a patologização do cliente da exploração, assim como leituras maniqueístas. “É preciso haver uma mudança de pressupostos na forma de encarar o cliente da exploração. Em vez de insistir em rótulos, tais como ‘perversos e pedófilos’, é necessário fazer o desvelamento das realidades econômicas, sociais, culturais e políticas envolvidas, tanto na formação da demanda quanto da oferta do comércio sexual”, comenta Elder.

Torna-se fundamental, diante desses dados, uma participação ativa não apenas do caminhoneiro e das empresas que o contratam. “É preciso quebrar o ciclo de impunidade”, comenta Elder. É aí que entram os proprietários de postos de abastecimento e também as distribuidoras de combustível que detêm as bandeiras adotadas pelos postos. Acabar com a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas requer o envolvimento de todos os agentes econômicos e sociais. Sensibilizar o caminhoneiro será apenas o primeiro passo.



Compromissos e Ações para enfrentar a exploração sexual

Assinar o Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras é um passo importante, mas é preciso dar continuidade efetiva a essa declaração de princípios.

O Pacto Empresarial é um acordo em que as empresas assumem o compromisso de enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras. Por meio do **Programa Na Mão Certa**, as organizações estão sendo convidadas a juntar esforços e desenvolver planos de ação cujo ponto principal é a sensibilização dos cerca de 2 milhões de caminhoneiros que trafegam pelas estradas brasileiras, de maneira que eles possam se tornar agentes de proteção dos direitos de crianças e adolescentes.

Ao assinar o **Pacto**, as empresas assumem publicamente sete compromissos que passam pelas seguintes etapas: análise da situação, mobilização e articulação, defesa de direitos e responsabilização, atendimento, prevenção e incentivo ao protagonismo infanto-juvenil. O protocolo também coloca as empresas e seus motoristas da frota, os transportadores agregados e os caminhoneiros autônomos como sujeitos socialmente responsáveis diante da questão.

O **Pacto** é um passo importante, porém, para que resulte em ações bem-sucedidas, deve ir além da mera declaração de princípios. Precisa estar em sintonia com a visão, a missão, as crenças e os valores não apenas das

empresas, mas também de seus fornecedores e de toda a cadeia de valor envolvida na fabricação e distribuição de uma mercadoria. “A Responsabilidade Social inclui aspectos relacionados com ética, transparência, cliente, consumidor, meio ambiente, fornecedores, governo, sociedade, público interno e comunidade”, afirma Reinaldo Bulgarelli, diretor da Txai Consultoria, empresa que auxiliou na elaboração de Compromissos e Ações. Esse guia propõe passos para as companhias implantarem e desenvolverem ações que incorporem o tema em sua atuação socialmente responsável. “É um movimento complexo e interdependente, que trata de todos os públicos com os quais a empresa se relaciona”, afirma Fabiano Rangel, da Txai.

Inclusão na agenda

O que se quer, a princípio, é que a ação social das empresas inclua esse tema em suas agendas de responsabilidade social, naquilo que já realizam no campo da assistência, da educação, do apoio às organizações governamentais e não-governamentais. “Essa inserção visa que as organizações se fortaleçam, adquiram melhores conhecimentos sobre a questão e passem a atuar efetivamente nessa área”, observa a coordenadora do **Programa Na Mão Certa**, Carolina Padilha.

Se a empresa ainda não atua no campo social, deve pensar na possibilidade de começar a investir recursos na promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes, principalmente aquelas em situação de risco. Muitas ações passam por melhorar a qualidade da educação, combater a evasão escolar, capacitar os professores.

A educação escolar é uma das trincheiras mais importantes no enfrentamento da exploração sexual de

crianças e adolescentes nas estradas. Nela pode-se trabalhar com a ampliação da noção de cidadania, com a auto-estima e o protagonismo infanto-juvenil. Organizações que complementam a escola em horário extracurricular também são espaços interessantes para a promoção dos direitos da criança e do adolescente.

Programas de apoio às famílias no combate à pobreza são outra opção fundamental para melhorar a qualidade da atenção destinada pelo governo. As empresas também podem realizar parcerias com organizações que atuam no tema para produzir material didático, estudos, pesquisas, documentos que incrementem a qualidade da ação de outros grupos.

Investimentos

As empresas também podem doar ou destinar parte de seu imposto de renda, ou ainda incentivar seus colaboradores a contribuírem enquanto cidadãos, como estabelece a lei, para programas de atenção aos direitos da criança e do adolescente. Este gesto pode ser concretizado por meio do Fundo de Direitos da Infância e Adolescência, gerido pelos Conselhos Municipais, Estaduais ou Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (veja reportagem na página 72).

O fortalecimento dos Conselhos de Direito e Conselhos Tutelares, parte do sistema de garantia dos direitos da criança e do adolescente, é fundamental. Dessa forma, as denúncias podem encontrar a devida acolhida, e esses órgãos ganham melhores condições para formular políticas eficazes de atendimento às necessidades locais.

A questão pode ser tratada como tema transversal em todos os programas realizados ou apoiados pela empresa. Também é possível mobilizar de várias maneiras a re-

“A Responsabilidade Social inclui aspectos relacionados com ética, transparência, cliente, consumidor, meio ambiente, fornecedores, governo, sociedade, público interno e comunidade.”

Reinaldo Bulgarelli,
diretor da Txai Consultoria.



de de relações da empresa no campo social para colocar o tema em pauta. Assim, é possível chamar a atenção das pessoas e das instituições sobre a importância de proteger a infância e a adolescência da violência sexual.

Voluntariado

O incentivo ao voluntariado empresarial pode aproximar funcionários e seus familiares, assim como fornecedores e outros parceiros de negócio, das ações sociais realizadas por organizações governamentais e não-governamentais. Com isso, são compartilhados esforços, entendimentos, competências e recursos para o enfrentamento de problemas da comunidade. Enfim, no campo da ação social, há uma infinidade de possibilidades.

Além do caráter voluntário dessas ações, cabe lembrar o princípio de que a empresa deve realizar alguma atividade nessa área quando encontra o problema em sua cadeia de negócios. Essa ação ocorre por iniciativa própria ou motivada por denúncia de omissão, conivência ou envolvimento com a exploração sexual de crianças e adolescentes em sua rede de negócios.

É o princípio semelhante ao presente na questão do trabalho infantil. Mesmo que o problema esteja num fornecedor, toda a cadeia de negócios fica comprometida. A empresa que compra do fornecedor em questão é tão responsável quanto ele. Deve agir conjuntamente para reparar o dano. Está sujeita a punições pela Justiça, com impacto negativo em sua reputação e em outras áreas da atividade empresarial.

As ações de enfrentamento da exploração sexual não devem ficar restritas apenas na área dos programas sociais das empresas. Pode-se também pensar em formas criativas e respeitadas de inserir o tema no relacionamento com o público interno, os fornecedores, os clientes e a comunidade em geral.

Promoção dos direitos

Os diferentes públicos de relacionamento da empresa podem receber informações genéricas sobre os direitos da criança e do adolescente. Por exemplo, conhecer melhor o Estatuto da Criança e do Adolescente ajuda a ampliar o entendimento da condição de sujeito de direitos em condição peculiar de desenvolvimento. Isso atinge também a relação familiar de colaboradores, clientes, fornecedores, comunidade em geral.

É importante alertar para os prejuízos provocados



pela exploração sexual a essas crianças e adolescentes e a suas famílias. E os prejuízos para o país quando se escolhe uma relação de dominação, exploração, violência, em vez de uma relação de proteção, cuidados e respeito.

Conhecer e reconhecer o outro como sujeito de direitos ajuda no entendimento de que não se pode submetê-lo, mesmo que por aparente vontade própria, à exploração sexual.

Essa ampliação de consciência ajuda na prevenção, na rejeição a posturas de omissão, na cum-

plicidade ou mesmo de responsabilidade direta na prática da exploração sexual de criança ou de adolescente.

A empresa pode descobrir uma grande oportunidade de cooperação e sinergia em várias outras áreas de sua atuação ao mobilizar seus *stakeholders* para a questão. Ela assume, assim, a responsabilidade de ajudar as demais organizações empresariais a atingir novos e melhores patamares na construção de relações comerciais sustentáveis, melhorando inclusive a sua imagem.

Benefícios para os negócios

Os exemplos já divulgados pelo **Programa Na Mão Certa** demonstram a importância desse tema para os negócios. Eles tratam de impactos positivos na qualidade da gestão de pessoas, no clima organizacional, na contratação e retenção de profissionais qualificados. Também há avanços no acesso a uma rede de fornecedores mais capacitados, na reputação da empresa e na sua capacidade de atrair e manter bons clientes.

Quem já percebeu a importância está colhendo bons resultados, seja na contribuição ao enfrentamento ou na melhoria dos resultados empresariais. “Se a ação social estiver alinhada com os valores corporativos, com certeza a empresa estará sempre buscando formas de criar um ambiente de negócios promissor e, portanto, uma sociedade promissora”, observa Fabiano Rangel, da Txai Consultoria.

Um conjunto de sugestões de boas práticas em torno dos compromissos do **Pacto** está disponível no guia **Compromissos e Ações**.

Essas sugestões podem ser utilizadas na construção do plano de ação da empresa, alinhado com os princípios do **Programa Na Mão Certa** e da Responsabilidade Social Corporativa.

Empresas signatárias interessadas podem formar Pontos Focais no Ciclo de Workshops Regionais.



Programa Na Mão Certa lança Indicadores para o Pacto Empresarial



Elaborada a partir dos compromissos do Pacto Empresarial, a avaliação auxiliará no planejamento de ações, na mensuração de resultados e na troca de experiências entre signatárias.

No primeiro semestre de 2008, o **Programa Na Mão Certa** lançou o Manual dos Indicadores, ação que constitui uma das bases fundamentais para o sucesso da implementação e do acompanhamento dos investimentos feitos por empresas e demais organizações empenhadas no enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas brasileiras. Com o objetivo de mensurar e dar o acompanhamento adequado a cada uma das ações planejadas e postas em prática, o Manual dos Indicadores está disponível para todas as empresas e entidades empresariais que assumiram publicamente o compromisso com o **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**.

Através dos indicadores, empresas e entidades empresariais signatárias poderão definir metas e acompanhar as iniciativas em sintonia com os objetivos e as expectativas do **Programa Na Mão Certa**. Ou seja, ao adotar os indicadores sugeridos, cada signatária poderá planejar ações com mais objetividade, identificando

quantos itens do **Pacto Empresarial** serão contemplados na execução da ação, os objetivos a serem alcançados e as formas mais eficazes para medir os resultados.

O conjunto de indicadores também permitirá o monitoramento das ações por parte do **Programa Na Mão Certa**, que irá trabalhar os dados e elaborar relatórios consolidados para o conhecimento das organizações. “As empresas signatárias devem começar a utilizar os indicadores para que consigamos avaliar quantas iniciativas deram certo, os caminhos onde erramos e os pontos nos quais avançamos”, explica Carolina Padilha, coordenadora do **Programa Na Mão Certa**. Segundo ela, os indicadores representam uma maneira eficiente de prestar contas, tanto para a sociedade quanto para as outras empresas que assinaram o Pacto. “Além da avaliação, os indicadores devem ser vistos como uma ferramenta que pode facilitar a sistematização das iniciativas e a troca de experiência e inspirar outros a se engajarem no enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas”, completa Carolina.

A importância dos indicadores

Em linhas gerais, indicadores são ferramentas utilizadas para identificar e traduzir, de forma mensurável, aspectos de uma determinada realidade estudada. Em investimentos feitos em projetos sociais e ações do terceiro setor, por exemplo, os indicadores são utilizados para medir o total investido, localizar a criação de valores, identificar as necessidades de melhorias e avaliar as estratégias adotadas. Também definem e detalham em que medida os objetivos foram alcançados dentro do tempo e do local previamente definidos no projeto de execução da ação.

Segundo Fernando Nogueira, gerente de projetos do Grupo de Institutos, Organizações e Empresas (GIFE), há duas razões principais para a implantação de indicadores. “Em primeiro lugar, para mostrar em que nível a empresa, suas conquistas, desafios e questões não estão resolvidos. Nesse sentido, os indicadores servem como uma ferramenta de auto-avaliação. Em segundo lugar, permitem a comparação com outras empresas e instituições. Assim, empresas com desafios semelhantes podem trocar informações e avaliar em que estágio de desenvolvimento se encontram com relação umas às outras”, explica.

Em investimentos de responsabilidade social, os principais pontos a serem abordados pelos indicadores são a estrutura organizacional e a ação propriamente

dita. Adaptados à realidade de cada empresa, os indicadores devem avaliar toda a estrutura envolvida na realização das ações, como liderança da empresa, planejamento, recursos financeiros e humanos envolvidos, comunicação interna e rede de relacionamento com parceiros, meios de comunicação e a comunidade. Quando abrangem a ação realizada, os indicadores avaliam desde o planejamento específico que identificou como e onde investir até a execução e o monitoramento da

Quando a empresa conhece seus pontos fracos e fortes, ela consegue montar um plano de como melhorar e como agir a partir dos resultados desses indicadores.

Fernando Nogueira,
gerente de projetos do GIFE.



própria avaliação da ação, sempre adequados ao projeto que se está realizando.

“Quando a empresa conhece seus pontos fracos e fortes, ela consegue montar um plano de como melhorar e como agir a partir dos resultados desses indicadores. Eles ajudam a empresa a se auto-avaliar, a saber em que nível de desenvolvimento está, a ter uma visão de futuro e a indicar a prioridade das próximas ações”, explica Nogueira. Ele lembra também que os indicadores devem estar ligados à visão e à estratégia que a empresa possui em relação a sua ação social. Em empresas onde o planejamento e o estudo aprofundado das ações são prioritários, os indicadores servem para avaliar o próprio desempenho. Em organizações onde a prioridade é o investimento, o planejamento tende a ser mais flexível e o foco gira em torno do acompanhamento e do monitoramento da ação.

Nogueira reforça que, independentemente da ação e da intenção dos investimentos, os indicadores devem servir como uma ferramenta de auto-avaliação a favor do crescimento e do sucesso das empresas. “Nenhum indicador, por si só, diz 100% o que está certo ou errado dentro da organização. As empresas devem usá-los como ferramenta tanto de reflexão quanto de planejamento, sempre adaptados à realidade e à visão de como querem atuar. O importante é que as empresas apliquem indicadores e que, a partir deles, tenham momentos de reflexão, de capacitação da equipe e de discussão de processos e ações. Eles são, acima de tudo, uma forma de aprendizado.”

Programa Na Mão Certa

Os indicadores foram construídos pelo **Programa Na Mão Certa** com o apoio da Txai Cidadania e Desenvolvimento Social, empresa de educação e consultoria que atua nas áreas de sustentabilidade e responsabilidade social. São parâmetros estabelecidos em torno dos compromissos assumidos pelas signatárias do **Pacto Empresarial**. Seu principal objetivo é o apoio na avaliação e na sistematização das ações e iniciativas tomadas pelas empresas. Através dele, consegue-se identificar o estágio em que as signatárias se encontram ao assinar o pacto, além de padronizar e tornar comparável as informações e os dados de ações, processos e resultados relacionados com os compromissos do programa.

A principal base para a construção dos indicadores foram os sete compromissos do **Pacto Empresarial** e as instruções passadas ao Ponto Focal. O Ponto Focal é o

profissional que fica responsável, dentro da organização, pela interlocução cotidiana sobre o **Programa Na Mão Certa**. Entre suas atribuições está a articulação entre áreas e pessoas, feedback para os diversos públicos e interação constante com a equipe do Programa.

“Com esse material, chegamos ao primeiro esboço dos indicadores, mas percebemos a necessidade de envolver as empresas signatárias e coletar suas contribuições, uma vez que serão elas as usuárias da ferramenta”, explica Reinaldo Bulgarelli, da Txai. “Através de oficinas realizadas no segundo semestre de 2007 em diferentes regiões do Brasil, a participação direta das empresas signatárias enriqueceu significativamente o processo. Além de toda a contribuição sobre temas, forma e conteúdo, elas também tiveram um papel fundamental na adequação dos indicadores às múltiplas realidades de porte e segmento das signatárias para que, de fato, esta ferramenta pudesse subsidiar o processo de transformar os sete compromissos do **Pacto Empresarial** em objetivos, metas e ações”, completa Fabiano Rangel, sócio de Reinaldo na empresa.

Ao assinar o Pacto, cada empresa deve identificar um Ponto Focal, um colaborador que pudesse se comprometer com a disseminação das idéias, conduzir e acompanhar as ações realizadas e estar em constante contato com a coordenação do **Programa Na Mão Certa**, trocando informações e colaborando para o sucesso do programa na entidade. Cabe a esse profissional adotar e aplicar os indicadores do programa, além de compartilhar essa tarefa com toda a organização. Com base nos compromissos assumidos, os indicadores serão uma ferramenta de apoio na gestão e articulação de ações e no relato dos resultados alcançados ao longo do ano.

Para elaborar o conjunto de 16 indicadores, foram observados, além dos compromissos do Pacto, as áreas e os públicos de relacionamento já existentes e comuns na maioria das empresas signatárias. A pontuação atingida na avaliação de cada um desses indicadores mostra o estágio em que a empresa está perante os compromissos assumidos com o programa.

São quatro possíveis estágios, explicados a seguir, que definem desde o entendimento do pacto e seus desafios até a fase onde a empresa já incorpora o assunto em seus processos internos e externos.

Os indicadores também foram agrupados por temas, formando três grupos com abordagens e estruturas empresariais similares. Cada grupo pode orientar a empresa na construção e priorização de ações, estabelecendo o foco a partir do que a empresa faz de melhor ou trabalhando com atenção áreas mais frágeis da instituição.

Grupos de indicadores

O primeiro grupo de indicadores é composto por um conjunto de cinco itens que envolvem **Políticas e Processos de Gestão**. Nele são avaliados valores corporativos, mapa de riscos, parceria interna, educação corporativa e programa de aprendizagem. O objetivo é aliar processos normativos e de gestão da empresa às ações que envolvem os objetivos do programa.

O segundo grupo de indicadores corresponde ao **Engajamento dos Diversos Públicos** de relacionamento da empresa. Nele é avaliado o envolvimento de funcionários, família dos colaboradores, funcionários terceirizados e fornecedores no programa de ações desenvolvido pela empresa.

Já o terceiro grupo avalia **Investimento Social Privado e Processos de Comunicação**. A comunicação é uma das principais ferramentas de sensibilização, pois dá visibilidade aos compromissos do programa e cria canais de interação entre a empresa e seus diversos públicos. Ela também é responsável por tornar pública a preocupação da empresa com a responsabilidade social e por divulgar os investimentos feitos nesse âmbito. Também são avaliados a participação em políticas públicas em defesa da criança e do adolescente, os canais de diálogo criados e o lançamento de campanhas de interesse público envolvendo o tema.

Escala de mensuração

Após o preenchimento do questionário e seu envio para a coordenação do **Programa Na Mão Certa**, a empresa ou entidade empresarial receberá uma resposta com a mensuração do resultado.

Acompanhe na tabela de mensuração os quatro níveis que a organização pode alcançar de acordo com sua evolução no Programa.

Como aplicar

O modelo sugerido pelo **Programa Na Mão Certa** para facilitar a adoção dos indicadores é feito através da constituição de um comitê com representantes das diferentes áreas da empresa. Esse comitê deve apoiar o Ponto Focal a pôr em prática os compromissos assumidos no **Pacto Empresarial**.

No site www.namaocerta.org.br, há uma seção de uso restrito para as empresas e entidades empresariais signatárias, onde está disponível o formulário eletrônico para que o Ponto Focal possa preencher os indicadores e enviar para o **Programa Na Mão Certa**.

Essas informações serão mantidas em total sigilo e usadas apenas de forma consolidada e estatística.

Além de enviar o resultado da avaliação para o programa, é importante que a empresa ou entidade empresarial também compartilhe interna e externamente seus avanços. Essa prática valoriza os esforços e contribui para engajar outros parceiros no combate à exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas e rodovias brasileiras.

“O **Programa Na Mão Certa** quer conhecer e reconhecer as boas práticas de todas as empresas signatárias. Também queremos compartilhar com toda a rede de empresas e entidades que nos apoiam os aprendizados, as experiências e os conhecimentos adquiridos através da implantação do programa”, explica Carolina Padilha. “Essa coleta de dados e troca de informações contribuem diretamente na ampliação das iniciativas de enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras”, completa.

Segundo Carolina, o **Programa** conta com a colaboração e o compromisso de todos. “Queremos fazer desse programa uma ferramenta eficaz no enfrentamento de um problema tão grave em nossa sociedade”, completa a coordenadora do **Programa Na Mão Certa**.

Estágios de Evolução

Estágio 1	Estágio 2	Estágio 3	Estágio 4
A empresa entende os desafios e busca formas de contribuir para a efetivação dos compromissos com algumas iniciativas em fase inicial.	A empresa identifica os desafios do Programa e suas formas de contribuição.	A empresa entende sua responsabilidade e começa a incorporar os desafios e estruturar algumas ações para enfrentar a ESCA.	A empresa realiza ações e iniciativas alinhadas aos compromissos do Programa e os incorpora aos processos de gestão.



Grafite em um muro na comunidade de Vigário Geral, na zona norte do Rio de Janeiro.

Quem são as adolescentes em situação de *risco*?

Três milhões de meninas entre 12 e 17 anos vivem em situação de extrema pobreza, das quais 70% são negras. Pesquisa mostra por que ficam mais expostas ao risco de exploração sexual.

O Brasil possui 10,4 milhões de meninas na faixa etária de 12 a 17 anos. Desse total, cerca de 3 milhões encontram-se em situação de extrema pobreza, segundo dados da Pnad/IBGE 2006. Paralelamente, segundo estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 100 mil crianças e adolescentes são explorados sexualmente no Brasil, a grande maioria do sexo feminino.

Com o objetivo de descrever o ambiente social e econômico em que estão inseridas essas meninas em situação de vulnerabilidade, os pesquisadores Alexandre de Freitas Barbosa e Cláudia Cirino de Oliveira¹ realizaram um estudo que tem o objetivo de ampliar a compreensão sobre quem são elas, onde vivem e em que medida estão mais expostas aos riscos da exploração sexual. “Conhecer este cenário é fundamental para a formulação de políticas públicas voltadas para a inserção social dessas crianças e adolescentes”, comenta Barbosa.

A pesquisa procurou responder às seguintes questões: quem são as crianças e adolescentes brasileiras em situação de vulnerabilidade social? Onde elas vivem? Como se inserem no mercado de trabalho e em que atividades? Estudam, ou não? Até que ponto estão submetidas ao risco de exploração sexual comercial?

¹ Alexandre de Freitas Barbosa é doutor em Economia Social e do Trabalho pela Unicamp; Cláudia Cirino de Oliveira, economista pela PUC/SP, é especialista em Economia e Gestão das Relações de Trabalho pela mesma universidade.

Metodologia

Para destrinchar a situação socioeconômica dessas crianças e adolescentes em situação de risco de exploração sexual, os pesquisadores partiram de uma medida de extrema pobreza: consideraram apenas as meninas de 12 a 17 anos que vivem em famílias com renda familiar per capita (RFPC) inferior a 25% da média brasileira, o equivalente a R\$ 122,36. Segundo os pesquisadores, trata-se de um recurso que visa delimitar a amostra. “É importante ressaltar que nem todas as crianças e adolescentes de famílias de baixa renda são ou serão exploradas sexualmente, enquanto existem aquelas de renda superior à delimitada no presente trabalho que podem ser vítimas de tal prática”, observa Barbosa.

Nessa linha de raciocínio também segue o coordenador do Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Renato Mendes. Segundo ele, a situação de extrema pobreza não é, por si, favorecedora da exploração sexual, mas sim um importante fator de risco que precisa ser considerado. Tais riscos também estão associados a fatores como valores sociais, divisão dos papéis entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre negros e não negros. “Esses fatores de risco, combinados com os do agressor, favorece a exploração”, afirma Mendes. “Nesse sentido, as ações de erradicação da pobreza devem estar acompanhadas pela promoção da dignidade da pessoa humana, em especial entre aquelas que estão impedidas de exercer sua cidadania nas estradas e rodovias brasileiras”.

A pesquisa procurou aproximar dois universos – o das adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o das adolescentes submetidas à exploração sexual. Ainda que tal relação não seja direta, segundo os pesquisadores trata-se de um mecanismo importante – a exceção das pesquisas de campo – para se adentrar na realidade da exploração sexual de crianças e adolescentes.

Se a pobreza não pode ser vista como única causa para explicar a prática da exploração sexual, não é menos verdade que compõe um pano de fundo de grande relevância, alertam os autores do estudo.

O Nordeste responde por mais da metade das meninas pobres, seguido pela Região Sudeste, com 23%. Em relação às cidades, as metrópoles nordestinas e Belém, na Região Norte, possuem mais de 30% das crianças em situação de extrema pobreza. No Recife, esse percentual chega a 40%.

Quando se observa o número total de meninas pobres por região metropolitana, São Paulo e Rio de Janeiro aparecem com o maior número: mais de 200 mil se somadas, representando quase 1/3 do total de meninas pobres das regiões metropolitanas do país (tabela 1).

Tabela 1

Meninas Pobres de 12 a 17 Anos nas Regiões Metropolitanas

RMs	meninas pobres
São Paulo	122.122
Rio de Janeiro	86.541
Fortaleza	74.160
Pernambuco	72.816
Salvador	56.078
Belo Horizonte	46.867
Belém	35.541
Porto Alegre	27.676
Curitiba	24.363
Distrito Federal	22.790

Fonte: Pnad/IBGE. Elaboração dos autores.

As metrópoles brasileiras concentram cerca de 570 mil meninas pobres na faixa de 12 a 17 anos, um número alto, mas ainda distante do total de 3 milhões de meninas pobres levantados pela análise dos dados da Pnad. “Daí a necessidade de atacar o problema não apenas nos grandes centros, mas também nas cidades de porte médio e pequeno, além das áreas rurais”, resalta Alexandre Barbosa.

Raça

A questão da desigualdade racial também transparece fortemente nos dados analisados pelos pesquisadores: 70% dos 3 milhões de meninas analisadas neste levantamento são negras. O número é bastante alto em comparação ao total da população brasileira de meninas negras entre 12 e 17 anos: 54%. Da mesma forma, a taxa de pobreza das meninas negras é quase duas vezes superior à das meninas não-negras.

Tabela 2

Distribuição do Total de Meninas de 12 a 17 Anos e das Meninas Pobres por Raça/Cor e Taxa de Pobreza

	negros	não-negras	% negros
meninas de famílias pobres	2.103.323	920.225	70
total meninas	5.490.510	4.692.055	54
tx pobreza %	38,3	19,6	

Fonte: Pnad/IBGE. Elaboração dos autores.

A pesquisa permite também fazer uma análise sobre o tipo de inserção no mercado de trabalho: menos de 1/3 das meninas trabalhadoras vem de famílias pobres (tabela 3). O dado revela que existem outros fatores, além da pobreza, que atuam sobre o trabalho infantil.

Observa-se também que apenas 22% das meninas pobres participam do mercado de trabalho, ou seja, fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA). Ou posto de outra forma: existem 2,3 milhões meninas nesta faixa etária que não trabalham e nem procuram emprego de forma efetiva. Também no caso das meninas pobres, quase a metade dos empregos são agrícolas.

Tabela 3

Distribuição da PEA das Meninas de 12 a 17 Anos e das Meninas Pobres por Tipo de Inserção no Mercado de Trabalho e Taxa de Desemprego

	ocupadas	desocupadas	taxa desemprego
meninas de famílias pobres	485.181	184.902	27,6%
total meninas	1.542.053	556.568	26,5%

Fonte: Pnad/IBGE. Elaboração dos autores.

Domésticas

Aqui os pesquisadores fazem um parêntese sobre o emprego doméstico como forma de inserção precária, especialmente para as meninas mais pobres, tendo como referência que a OIT tem definido o trabalho doméstico como uma das piores formas de exploração no Brasil.

São 344 mil meninas de 12 a 17 anos que trabalham como “domésticas”, 38% delas vivendo em famílias pobres. Destas meninas pobres que trabalham em domicílios de seus empregadores (portanto sem supervisão do Estado), nenhuma delas possui carteira assinada. Estão sujeitas a todo tipo de exploração.

Do total de meninas pobres ocupadas do país, 35% são não-remuneradas, 27% domésticas sem carteira e 20% atuam em atividades agrícolas de subsistência, cujos níveis de renda variam bastante. Outras 18% são empregadas com carteira assinada em outras atividades que não as domésticas ou trabalham por conta própria. Apenas 1% possui carteira assinada.

Do total das meninas pobres economicamente ativas, 57% estudam e trabalham e 18% estudam e não trabalham. Cerca de 26% delas – totalizando 170 mil crianças no país – não estudam.

Exploração sexual

Esta análise do perfil das meninas em situação de vulnerabilidade social permitiu mostrar que uma parte expressiva vive em áreas rurais, ainda que 2/3 estejam localizadas nas áreas urbanas. As regiões metropolitanas congregam parte importante do público analisado, inclusive nos centros como São Paulo e Rio de Janeiro.

Porém, a maior taxa de pobreza está nas metrópoles nordestinas. Além disso, um dado importante mostra que 70% dessas meninas são negras.

Apenas 22% delas estão inseridas no mercado de trabalho, o que não impede que as demais se sintam coagidas a aceitar um emprego de natureza precária e temporária. Mais importante ainda: nem todas as meninas que possuem um “emprego” são pobres.

As meninas pobres que trabalham – 485 mil ao todo – o fazem em condições aviltantes de trabalho e de renda. Estão sujeitas a todo o tipo de coação econômica, moral e sexual. Os pesquisadores alertam que o trabalho doméstico, que “emprega” 27% delas, pode muito provavelmente atuar como transição para formas ainda mais indignas de exploração.

Observa-se um quadro de precarização social que impõe pressões sobre a estrutura familiar, fazendo com que os pais sejam muitas vezes coniventes com a exploração econômica de seus filhos, num quadro em que a escola não oferece alternativas de sociabilidade.

Existe certamente uma relação entre o ambiente socioeconômico e os constrangimentos a que estão submetidas essas garotas, muitas das quais acabam sendo vítimas da exploração sexual. Mas esta relação, segundo os autores da pesquisa, precisa ser mais bem compreendida para enfrentar o problema de forma efetiva. Daí, segundo eles, a importância de serem realizadas pesquisas de campo, o que acontece muito pouco nessa área. “Somente assim poderemos captar o olhar dessas meninas, seus anseios e frustrações”, destaca Barbosa.

Paralelamente, os pesquisadores ressaltam que ações fiscalizadoras, punitivas e educativas devem ser executadas para combater o problema. Deve-se lembrar, segundo Barbosa, que fatores do lado da oferta de trabalho – tais como baixo nível de renda, famílias desestruturadas e precário sistema de ensino – se unem a fatores do lado da demanda – possibilidades de ganho fácil a partir do rebaixamento de custos e da ausência de fiscalização – para viabilizar esta cruel realidade. Daí a necessidade de se desatar este nó, atuando sobre as várias formas de manifestação do problema.

Os pesquisadores ressaltam a importância da execução de políticas transversais (voltadas para educação, saúde, oferta de equipamentos culturais e de lazer) e focalizadas nas áreas de concentração destas meninas.

Marcelo Schmitt



foto: Papel Social

Um pacto pela infância

Os problemas de uma nação são de toda a sociedade, e o papel das empresas tem sido fundamental para enfrentarmos os desafios sociais do nosso país. Essa realidade, somada à evolução do processo de responsabilidade social empresarial, com uma visão focada em investimentos sociais nas comunidades de interesse das empresas, para uma ação sinérgica com seus *stakeholders*, tem possibilitado novas oportunidades de atuação social. Um dos mais importantes exemplos dessa nova forma de ação são as mais de 350 signatárias do Pacto Empresarial criado pelo **Programa Na Mão Certa**.

O **Programa Na Mão Certa**, coordenado pela Childhood Brasil, tem o objetivo de enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras, por meio da conscientização de profissionais de transportes rodoviários, especialmente os caminhoneiros. Esses motoristas possuem uma importante rede de relacionamento e sofrem forte influência dos problemas sociais e das redes de exploração sexual que margeiam as estradas do nosso país.

Assinar o **Pacto Empresarial** e participar do programa significa mobilizar milhares de profissionais, para que sejam os agentes de defesa dos direitos da criança e do adolescente e adotem uma postura ativa no combate à exploração sexual deles. As empresas participantes do programa se comprometem a promover a conscientização e a capacitação de seus profissionais e fornecedores no tema, além de incentivar ações de enfrentamento do problema nas estradas.

A importância da conscientização e participação das empresas é enorme, e a influência positiva de uma boa política de responsabilidade social se constitui num importante instrumento na superação dos desafios sociais de nossa população. O **Programa Na Mão Certa**, além de propiciar maior entendimento sobre a

responsabilidade social empresarial, estabelece que as companhias participantes se auto-avaliem, podendo perder clientes e negócios se não cumprirem os compromissos com o programa. Esses fatores contribuem para um controle maior sobre os envolvidos, colaborando com a efetividade dos resultados.

O Grupo Gerdau participa ativamente desse programa desde novembro de 2007 e tem orgulho do conjunto das parcerias promovidas pelo Pacto. O grupo, como um dos grandes embarcadores de carga rodoviária, trabalha com uma rede de cerca de 100 empresas fornecedoras do setor de transporte, o que representa um universo de 6 mil motoristas. Nas 92 unidades do Grupo Gerdau no Brasil, as diretrizes do **Programa Na Mão Certa** foram incluídas nos treinamentos voltados para a capacitação de motoristas. Além disso, foram formados 45 multiplicadores internos para difundir as práticas do programa. Em cinco meses já foram treinados cerca de 1,6 mil profissionais, e o objetivo é, até o fim de 2008, capacitar todos os motoristas e as empresas de transporte para o Grupo Gerdau no Brasil. Para 2009, a meta é mais ambiciosa ainda: a adoção das diretrizes do programa passará a fazer parte da certificação exigida dos fornecedores de transporte contratados.

O Grupo Gerdau apóia o **Programa Na Mão Certa** na expectativa de poder influir decisivamente em toda a sua rede de fornecedores, para que tenha suas práticas de negócio alinhadas ao tema da responsabilidade social. Da mesma forma, com base nos valores de nossa organização, pretendemos compartilhar melhores práticas, adicionando valor ao nosso negócio e à sociedade.

Marcelo Schmitt é Gerente Executivo de Logística da Gerdau Aços Longos e Aços Especiais Piratini.
Email: marcelo.schmitt@gerdau.com.br

Arcor sensibiliza 130 transportadoras

Uma das grandes apoiadoras do **Programa Na Mão Certa**, a empresa foca suas ações na sensibilização de toda a cadeia de negócio

Arcor é hoje uma das maiores empresas da América Latina, com 41 unidades fabris em cinco países. Fundada na década de 50 na Argentina, a empresa teve a primeira fábrica instalada no Brasil em 1981.

Atualmente, o Grupo Arcor no Brasil conta com mais de 3 mil colaboradores. Fabrica mais de 200 itens em cinco unidades nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Recife. A empresa é líder no segmento de produção de balas, tem expressiva presença no mercado de chicletes e é a maior exportadora de guloseimas do Brasil, vendendo para mais de cem mercados, entre os quais China, Estados Unidos, países da América Latina, do Leste Europeu e da África.

Toda a distribuição de produtos da Ar-

cor é feita por 130 transportadoras terceirizadas. Apesar de não possuir frota de caminhões ou motoristas próprios, ela é uma das grandes apoiadoras do **Programa Na Mão Certa**. A empresa sabe que o monitoramento do serviço prestado por frota terceirizada é fundamental para o enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Signatária do **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras** desde outubro de 2006, a Arcor já divulgou em todos os seus veículos de comunicação o compromisso e os objetivos do Programa.

Ainda em 2008, a empresa iniciará ações que envolvem clientes e prestadoras de serviços. Entre as iniciativas planejadas estão a inserção de mensagens sobre o

Programa Na Mão Certa em todas as notas fiscais emitidas pelo grupo e a mobilização de empresas terceirizadas para também aderirem ao **Pacto**.

A Arcor também é um dos principais apoiadores financeiros do **Programa Na Mão Certa**. Apenas para o Projeto de Educação Continuada, a empresa proporcionou a impressão do Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros – Volumes 1, 2 e 3, além de fichários para os multiplicadores e pontos focais, revistas, folders e materiais que ainda serão impressos. “Ações como essas são importantes para o Grupo Arcor, pois contribuímos para a melhoria nas condições de vida de crianças e adolescentes brasileiros”, afirma Célia Aguiar, diretora do Instituto Arcor Brasil. “Apoiamos projetos educativos, através dos programas administrados pelo Instituto Arcor Brasil, que desenvolvem ações que têm como alvo preferencial crianças e adolescentes. Apoiar o **Programa Na Mão Certa** vai ao encontro do propósito da companhia”, ressalta ela.



Projeto educativo apoiado pelo Instituto Arcor.



Foto: Cristiano Rosa

Binotto investe na educação de 2 mil caminhoneiros

Todos os colaboradores da empresa assinam um termo em que se comprometem publicamente a enfrentar a exploração sexual

Com 52 filiais distribuídas pelo Brasil, a Transportadora Binotto possui aproximadamente 2 mil profissionais envolvidos diretamente no transporte de mercadorias pelas estradas brasileiras. Preocupada com a segurança e o bom treinamento de seus motoristas, a empresa assinou o **Pacto Empresarial** em maio de 2007, com o objetivo de fazer de seus colaboradores agentes de proteção dos direitos humanos.

A primeira iniciativa da Binotto em busca do desenvolvimento eficaz do programa foi a criação de uma equipe de colaboradores responsáveis pela elaboração de um plano para divulgação e implantação de ações internas. A partir dessas providências, o primeiro grande passo de mobilização e impacto foi dado pela Binotto em agosto de 2007. Como complemento aos treinamentos de formação dos motoristas, foi elaborado um documento individual, assinado por todos os que colaboram com a empresa. Através dele, cada profissional assume publicamente o compromisso de não praticar o abuso sexual de crianças e adolescentes e de denunciar a prática, informando às autoridades competentes os locais e o número de pessoas envolvidas no crime.

A partir da assinatura do pacto individual, o motorista da Binotto passa a ser um agente de proteção nas estradas, e é reconhecido por um bottom que recebe no uniforme e um adesivo no caminhão.

Outra iniciativa da empresa foi a inclusão do tema em seu boletim informativo mensal. Com tiragem de 3 mil exemplares, a publicação é distribuída em todas as filiais, abrangendo colaboradores e frotas.

Os motoristas instrutores, que atuam no treinamento prático dos trainees da empresa, também se tornaram agentes multiplicadores do programa. Através de

les, folhetos explicativos e de mobilização são distribuídos em todos os pontos de parada das rodovias.

O Seminário Nacional de Técnicos em Segurança do Trabalho, promovido pela empresa, abordou a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. O objetivo da palestra sobre o **Programa Na Mão Certa** foi a formação de novos agentes multiplicadores.

A Binotto tem como meta para 2008 a formação de todo o setor administrativo e operacional dentro das atividades dedicadas do **Programa Na Mão Certa**. Essas ações também se estendem a todos os clientes e fornecedores da empresa, com o objetivo de buscar novas parcerias para o **Pacto Empresarial**. Também fazem parte das ações em execução em 2008 palestras direcionadas, eventos realizados pela própria empresa, treinamentos e operações especiais desenvolvidas na sede de entidades parceiras.

Instituto de formação

Fundado em 2006, o Instituto Serrano no Trânsito e Transporte (Isett) é mantido pela Binotto e oferece cursos para a formação de profissionais da área de transporte. O principal objetivo do instituto, idealizado pelo Sindicato de Transportes de Lages (SC), é oferecer à sociedade a oportunidade de formação de mão-de-obra especializada, aliada à inserção de profissionais qualificados no mercado. Os cursos oferecidos pelo Isett abordam diferentes aspectos da profissão e incluem aulas sobre direção econômica, direção defensiva, relacionamento interpessoal, responsabilidade civil e penal, legislação de trânsito, custos.

O **Programa Na Mão Certa** está inserido dentro desses eixos temáticos. Todo motorista ligado à empresa passa por cursos iniciais e de reciclagem.



Simples como ontem, veloz como amanhã.

Braskem realiza eventos para o setor de transportes

Além de sensibilizar motoristas, a companhia convoca sua cadeia de negócios a enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes

A Braskem é a segunda principal empresa brasileira industrial de capital privado. Com 14 unidades na Bahia, em Alagoas, no Rio Grande do Sul e em São Paulo, ela produz mais de 6 milhões de toneladas de produtos químicos e petroquímicos por ano. Em 2006, os materiais produzidos rodaram 145 milhões de quilômetros em rodovias brasileiras, somando mais de 100 mil viagens. Atualmente, a Braskem faz uma média de 8 mil viagens mensais, todas realizadas por transportadoras contratadas.

Signatária do **Pacto** desde fevereiro de 2007, a Braskem divulga o **Programa Na Mão Certa** através de eventos diri-

Braskem

dos ao setor de transporte rodoviário. Também produz informes em seus boletins mensais, distribuídos nas principais expedições da empresa.

Em maio de 2007, o workshop anual sobre o Programa de Segurança no Transporte da Braskem marcou o início da campanha de conscientização de motoristas e transportadoras sobre o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras.

Além de treinar os motoristas que atendem para que se tornem agentes de proteção dos direitos da criança e do adolescente, a Braskem incentiva seus públicos internos e externos a fazer parte de ações para erradicação do problema. “Precisamos nos unir para enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescente nas estradas”, afirma a diretora de logística e suprimentos, Isabel Figueiredo. “Juntos – empresas, governos e sociedade civil –, teremos mais forças para coibir essa prática cruel, que rouba a infância de milhares de crianças no Brasil.”

Também em maio de 2007, em parceria com a gerenciadora de risco Pamcary, a Braskem iniciou a produção e a distribuição de boletins informativos mensais dirigidos aos motoristas que passam pelos Centros Logísticos (Celogs) localizados em Camaçari (BA), Triunfo (RS) e Maceió (AL).

Em uma iniciativa de cidadania para promover a melhoria contínua de práticas seguras, responsáveis e de qualidade no transporte rodoviário de cargas no Brasil, a parceria entre Braskem e Pamcary oferece aos motoristas de cargas, nos Celogs, oficina mecânica, orientação psicológica e de saúde, planos de viagens com indicação de rotas seguras, além de orientação e ações de mobilização em busca do combate à exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Transportadoras da C&A assinam compromisso

Empresa também realiza pesquisa interna para monitorar o grau de entendimento dos motoristas sobre o problema

Signatária do **Pacto Empresarial** desde julho de 2007, a C&A emprega, direta e indiretamente, cerca de 300 caminhoneiros. A empresa foi a primeira do setor de varejo de moda a aderir ao **Programa Na Mão Certa**. Desde que assumiu esse compromisso, buscou o comprometimento e a divulgação da causa entre todos os funcionários ligados à sua logística nacional.

Para atender a todos os compromissos do **Pacto**, a C&A traçou uma série de passos a serem cumpridos pela empresa, por funcionários e transportadoras terceirizadas. O primeiro passo, que corresponde à assinatura do **Pacto**, foi seguido pelo envolvimento das empresas parceiras, tornando o programa um compromisso social que envolve toda a cadeia de transporte de mercadorias.

Como terceira e quarta ações, a C&A estabeleceu a divulgação do programa e seus objetivos aos caminhoneiros, com folders, banners e materiais de apoio, e a implantação do Projeto de Educação Continuada para a formação de multiplicadores.

Todas essas ações foram cumpridas em outubro de 2007, quando a empresa realizou a “Semana C&A Na Mão Certa”. Participaram do evento 242 motoristas e 20 das 24 firmas de transporte terceirizadas que atendem a C&A. Durante a Semana, os profissionais participaram de workshops de conscientização sobre o papel de cada um e a importância de combater a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. Todos receberam um bottom com a inscrição “Diga Não à Exploração Sexual Infantil”, e foram estimulados a atuar como agentes de proteção de crianças e adolescentes.

Também está no planejamento da C&A distribuir os Guias Na Mão Certa para Caminhoneiros e assumir pu-

Caminhões da C&A recebem adesivos do Programa.



blicamente os compromissos previstos no **Pacto Empresarial**. Além disso, 180 caminhões receberam adesivos contendo mensagens de enfrentamento.

Em 2008, a C&A está executando os dois últimos passos do planejamento. O primeiro é realizar uma pesquisa interna com motoristas para medir o grau de envolvimento no programa. O segundo corresponde à adoção de uma cláusula de compromisso com o **Programa Na Mão Certa** entre todos os transportadores contratados. Entre os tópicos da cláusula estão a assinatura do **Pacto**, a divulgação do programa e o apoio a projetos de reintegração de crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual.

Evento na Braskem mobiliza empresas transportadoras.



Cargill faz parceria em ações educativas

Motoristas que trafegam pelos estados do Nordeste são convocados a enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes

No Brasil desde 1965, a Cargill tem sua origem em atividades agrícolas e hoje constitui uma das maiores indústrias de alimentos do país. A empresa movimenta anualmente 13 milhões de toneladas de milho, trigo, farelo de soja e óleo vegetal, o que representa mais de 520 mil viagens. Embora empregue cerca de 23 mil funcionários, todo o transporte é feito por firmas contratadas.

A empresa assinou o **Pacto Empresarial** em junho de 2007 e desde então promoveu uma série de ações de conscienti-



zação e enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias. Institucionalmente, a companhia comunicou a adesão ao **Pacto** e divulga as ações realizadas através da *Revista Cargill*, distribuída a funcionários, clientes, fornecedores, poder público, entidades de classe e mídia em geral. A Cargill também tem investido na conscientização dos próprios funcionários responsáveis pela comunicação direta com os motoristas terceirizados. Dessa forma, todo motorista que passa por alguma unidade da empresa, além de receber informações sobre segurança e direção defensiva, também é informado sobre o **Programa Na Mão Certa**. O profissional recebe orientações e materiais contra a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas brasileiras. Ao todo, mais de 5 mil folhetos, 4 mil guias **Na Mão Certa**, 130 banners e 850 cartazes foram utilizados e distribuídos nas salas do caminhoneiro nas 11 unidades da empresa em todo o Brasil.

Em algumas filiais, como as da Bahia, do Maranhão e do Paraná, a Cargill atua em parceria com a Polícia Rodoviária Federal e realiza blitzes para conscientização dos motoristas de caminhão que passam pelas principais rodovias desses estados. A Cargill também mobiliza as transportadoras contratadas, apresentando em suas reuniões o programa, os motivos e a importância do **Pacto** e incentivando as empresas a também se envolverem com a causa.

Motorista recebe orientação sobre o Programa Na Mão Certa.



Arquivo / Cargill

Semana Na Mão Certa na Cauê

Conselhos tutelares, CREAS e Polícia Rodoviária se unem à empresa nas ações educativas

A Cauê é a primeira empresa do Grupo Camargo Corrêa a tornar-se signatária do Pacto Empresarial Contra a **Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**. Sediada na capital paulista, a empresa produz mais de 3 milhões de toneladas de cimento por ano. São seis unidades de produção, distribuídas nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Signatária do Pacto desde janeiro de 2007, a Cauê oficializou o apoio ao **Programa Na Mão Certa** em setembro do mesmo ano. Para dar início às atividades de conscientização e mobilização ligadas ao programa, a empresa lançou a **Semana Na Mão Certa**. Na primeira edição, realizada em outubro, na cidade de Pedro Leopoldo (MG), a Semana contou com o apoio de entidades públicas locais, como Conselhos Tutelares, Centro de Referência Especializado de Assistência Social e Polícia Rodoviária Estadual. Durante os cinco dias do evento, 400 caminhoneiros foram conscientizados sobre o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.



A segunda e última edição do evento em 2007 aconteceu em dezembro, em Santana do Paraíso, também no estado mineiro. Ao longo da semana, 181 profissionais foram mobilizados e receberam os materiais da campanha. Os motoristas também participaram de palestras, blitzes, teatro, música, serviços de saúde e bem-estar e atividades de conscientização.

Para Maurício Anacleto de Queiroz, gerente industrial da Camargo Corrêa Cimentos em Pedro Leopoldo, as ações demandadas a partir da assinatura do Pacto Empresarial complementaram as diretrizes e os valores do grupo quanto à ética, sustentabilidade, equidade

social e oportunidades. “Unir esforços para enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes é uma ação alinhada com os valores da empresa e dos nossos profissionais. O objetivo da Semana Na Mão Certa é levar informações a respeito do enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras, de forma a ter o maior número de profissionais do asfalto aderindo ao programa”, completa.



Cauê convoca motoristas para enfrentar o problema.

Foto: Leo Drummond

CCR mobiliza usuários de rodovias

Empresa cria grupo de voluntários para esclarecer dúvidas e sensibilizar motoristas

Responsável pela administração de 1.452 quilômetros de rodovias nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, a CCR foi a primeira empresa do setor de concessões de rodovias a assinar o **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**, em outubro de 2006. Anualmente, mais de 550 milhões de veículos trafegam pelas estradas nas quais a empresa opera. O grande fluxo de usuários e a possibilidade de abordagem direta aos motoristas foram os principais motivos que levaram a CCR a apoiar as causas do **Programa Na Mão Certa**. “Apoiamos o programa porque acredita-

mos na importância da causa. Nossa atuação pode contribuir para a erradicação da exploração sexual de crianças e adolescentes. As empresas devem assumir, cada vez mais, o papel de responsáveis pela construção de uma sociedade melhor e mais justa para todos. Por esse motivo, abraçamos a causa e, desde então, desenvolvemos iniciativas e disseminamos informações contra essa exploração”, afirma Francisco Bulhões, responsável pela comunicação e marketing da CCR.



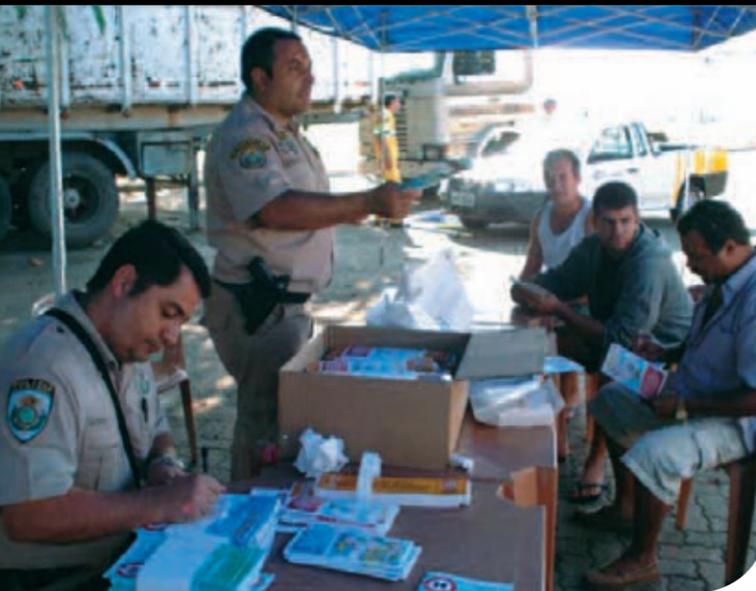
Desde que aderiu ao **Pacto**, a CCR desenvolveu várias ações. Em 2006, divulgou comunicado interno a todos os colaboradores falando sobre a importância da iniciativa. Ela também inseriu material de divulgação

no site institucional próprio e das concessionárias do grupo: AutoBAn, ViaOeste, NovaDutra, Ponte S.A., ViaLagos e RodoNorte. Foram publicados ainda matérias e anúncios referentes ao programa em várias edições da *Revista Giro das Estradas*, publicação bimestral com 450 mil exemplares distribuída nas rodovias do Grupo CCR.

Outra iniciativa da empresa foi a disponibilização de funcionários capacitados para esclarecer dúvidas e mobilizar motoristas para a causa em todas as bases de atendimento ao usuário. Assim, além de oferecer atendimento médico aos motoristas que passam por suas rodovias, a CCR desenvolveu um projeto especialmente voltado para a saúde do caminhoneiro, onde os profissionais também recebem informações e são incentivados a se tornarem agentes de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Em 2008, a CCR continuará trabalhando em ações de divulgação do programa. “Nosso objetivo é conscientizar os usuários das rodovias e nosso público interno sobre a importância do movimento contra a exploração sexual de crianças e adolescentes”, completa Bulhões.

CCR e Polícia Rodoviária unem esforços nas estradas.



Revendedores da AmBev aderem ao Pacto Empresarial

Um milhão de pontos-de-venda estão na mira das ações de sensibilização da Confenar

Signatária do **Pacto Empresarial** desde novembro de 2006, a Confenar (Confederação Nacional das Revendas AmBev e das Empresas de Logística da Distribuição) é hoje uma das mais importantes aliadas do **Programa Na Mão Certa** na mobilização de novas empresas contra a exploração sexual nas estradas brasileiras. Em fevereiro, a entidade iniciou uma campanha de mobilização entre todas as suas associadas. Em apenas dois meses, das 180 revendas que fazem parte da Confenar, mais de 50 aderiram ao programa.

“Estamos em contato com diversas revendas e creio que este número só deve aumentar”, comenta Adriana Neves, diretora de comunicação e marketing da Confenar. “Nossas revendas visitam cerca de 1 milhão de pontos-de-venda em todo o país, e muitos deles em áreas críticas, foco desse problema. Por isso, a Confenar decidiu eleger o **Programa Na Mão Certa** como a ação de responsabilidade social do biênio 2007/2008 e mobilizar toda a rede de revendas a também se engajar nesse esforço”, completa.

A ação de mobilização teve início em janeiro, através de uma programação especial no canal corporativo TV Confenar. No primeiro episódio exibido em 2008, a TV Confenar dedicou-se inteiramente à explicação do **Programa Na Mão Certa**, os objetivos, as formas de atuação e a importância da erradicação da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras. A partir desse programa, em fevereiro, a Confenar enviou um kit explicativo do programa e uma carta convidando cada uma das 180 revendas credenciadas a também assinar o **Pacto Empresarial**. “Aproveitamos os materiais elaborados pelo **Programa Na Mão Certa** para esclarecer as nossas associadas quais ações práticas poderiam ser implementadas de forma fácil e eficien-

te, e com resultados palpáveis”, explica Adriana.

Para reforçar o compromisso com o programa, a Confenar disponibiliza todas as mídias institucionais – site, revista, TV corporativa, jornal mural e boletim – para dar visibilidade à iniciativa e divulgar as diversas ações que as revendas associadas estão realizando. Em setembro, também está prevista uma apresentação sobre o **Programa Na Mão Certa** na Convenção Anual da Confenar. Através dessa apresentação, a confederação pretende reforçar as causas do programa, mostrar formas de atuação e resultados, e mobilizar mais revendas para se tornarem agentes de proteção dos direitos das crianças e



dos adolescentes. As expectativas são grandes, já que o setor de bebidas é considerado um dos mais influentes na sociedade, e as revendas, segundo Adriana, são referência na comunidade onde atuam. “É preciso mobilizar não só as revendas em si, mas também toda a comunidade local para extinguir esse tipo de crime. Esperamos bons resultados, uma vez que as revendas AmBev geram grande repercussão quando lideram ou se engajam em alguma causa ou projeto social.”

Sobre a Confenar

A Confenar representa todas as empresas revendedoras dos produtos da AmBev. Criada em janeiro de 2003, é hoje a maior rede de distribuição de bebidas do país. Entre suas iniciativas destacam-se a otimização das atividades do segmento, a garantia da sua representatividade e a geração de negócios que beneficiem os revendedores associados. Juntas, as revendas Confenar são responsáveis por uma das maiores frotas de veículos do país e também por uma das mais complexas e eficientes operações de logística de distribuição do mundo.

Geraldo e Marcelo ganham vida em *peça de teatro*

Na peça *Dirigindo por um Brasil melhor*, patrocinada pelas empresas Deca e Duratex, Geraldo e Marcelo interagem com caminhoneiros

O **Programa Na Mão Certa** deu mais um importante passo na conscientização e mobilização contra a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras. Patrocinada pelas empresas Deca e Duratex, a peça *Geraldo e Marcelo – Dirigindo por um Brasil melhor* estreou com sucesso no dia 1º de março de 2008, em evento realizado pela montadora Scania. Através do apoio das três empresas, o espetáculo está rodando o Brasil em busca de aliados.

A peça faz parte da programação apresentada pelo **Programa Na Mão Certa** e foi inserida na *Apresentação para caminhoneiros*, do Projeto de Educação Continuada realizada pelo psicólogo e consultor Elder Cerqueira. Os personagens Geraldo e Marcelo, protagonistas dos Guias Na Mão Certa para Caminhoneiros, ganham vida durante a encenação. Em meio aos espectadores, os atores interferem na palestra e criam uma ponte de identificação com o público.

Com base em pesquisa realizada no Brasil, os temas da encenação abordam questões de relevância para a reflexão dos caminhoneiros, estimulando sua ação concreta e seu engajamento na campanha como agentes de proteção de crianças e adolescentes em situação de risco. A valorização da vida e dos direitos de crianças e adolescentes, o respeito a cada pessoa, o estímulo às qualidades de amizade, camaradagem e honra dos caminhoneiros, a utilização da criatividade como instrumento de conhecimento são algumas das diretrizes da encenação promovida pelas empresas.

Segundo Elder Cerqueira, a união da peça com a apresentação desenvolvida torna ainda mais rica a programação e consegue criar empatia no público. “A performance teatral é um momento de grande interação entre os atores e o público”, comenta.

A idéia de unir palestra e encenação surgiu depois de uma pesquisa feita pela Polícia Rodoviária Federal, em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que constatou a existência de mais de 1,8 mil pontos de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais.

Participação

“Nossa contribuição é individual e voluntária; o resultado, porém, pode ir muito além do esperado”, afirma João Carlos Redondo, gerente de sustentabilidade das empresas Deca e Duratex, patrocinadoras da peça. “Entendemos que ações como essa contribuem, e muito, para a mudança de comportamento e de atitude por parte dos caminhoneiros, e essa mudança só ocorre porque há uma real conscientização das pessoas envolvidas a respeito da causa em si”, completa.

As primeiras apresentações de *Dirigindo por um Brasil melhor* foram incorporadas ao evento O Melhor Motorista de Caminhão do Brasil, promovido pela Scania. “A forma de mobilizar é muito interessante, e tenho certeza de que, assim como foi aceita pela Scania, a peça terá grande aceitação também de outras empresas”, reforça Emanuel Queiroz, diretor de marketing da Scania.

Para Gisela Arantes, criadora e diretora da peça, a forma como o tema é abordado e a interação com o público são fundamentais em encenações de mobilização e conscientização. “A nossa idéia é não parecer teatro, é estar o mais próximo possível do público. Os personagens ficam no meio dos caminhoneiros e começam a participar, a dar opinião sobre coisas que realmente acontecem no meio onde trabalham, e isso leva a reações e à reflexão do público sobre o assunto”, explica.



Deca



Ator interage com caminhoneiros durante a peça.

“Há bastante exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias. Nós, que trabalhamos nas estradas, convivemos com essa realidade. As meninas abordam e muitas vezes são acobertadas inclusive pela polícia, que cobra propina dos caminhoneiros envolvidos. A iniciativa do **Programa Na Mão Certa** é muito importante e tem tudo pra dar certo”,

opina Luis Carlos Montanholi, caminhoneiro há 21 anos, vencedor da etapa Melhor Motorista de Caminhão do Brasil realizada em São Bernardo do Campo.

Para Anderson de Almeida Moraes, 32 anos e caminhoneiro há dez, o problema está na falta de conscientização dos motoristas de que a exploração sexual de crianças e adolescentes é crime. “Há regiões onde a gente percebe que isso acaba sendo o meio de sobrevivência de muitas meninas”, explica. “Eu ainda não conhecia o

Programa Na Mão Certa, mas acredito que, se ele for bastante divulgado, e o disque 100 também ganhar mais destaque, vai dar bastante resultado e, se não conseguir acabar, com certeza vai ajudar a diminuir muito esse crime”, completa.

Para o gerente de sustentabilidade das empresas Deca e Duratex, o incentivo à encenação é uma iniciativa bem-sucedida. “O projeto atinge o público desejado e tem a linguagem adequada para a comunicação com esses profissionais. Isso demonstra que o investimento foi aplicado de forma assertiva. Os acompanhamentos realizados ao longo dos trabalhos também reforçam a expressiva presença do público e o sucesso que tem sido cada etapa”, comemora Redondo.



Duratex

Sobre as empresas

A Duratex é uma empresa brasileira controlada pelo Grupo Itaúsa – Investimento Itaú S.A. Fabricante de produtos de madeira, louças e metais sanitários destinados à indústria de móveis e à construção civil, a Duratex possui oito unidades industriais, sete localizadas no estado de São Paulo e uma do Rio Grande do Sul. Com cerca de 7 mil colaboradores, é líder do mercado brasileiro na produção de painéis de madeira reconstituída e pisos laminados com a marca Durafloor.

Também conquistou a liderança em metais sanitários, que levam as assinaturas Deca e Hydra, e mantém presença destacada em louças sanitárias, comercializadas com a marca Deca.

Fundada em São Paulo, em 1947, a Deca foi incorporada pela Duratex em 1972. Hoje, a Deca é líder brasileira no mercado de metais sanitários, além de ocupar posição de destaque no segmento de louças.

A empresa contribui no fornecimento de matérias de acabamento para a construção civil no país e disputa a posição de fabricante dos melhores produtos de louças e metais sanitários no mercado internacional.

Ecovia sensibiliza caminhoneiros

Dos 5,5 milhões de veículos que circulam anualmente pela rodovia, 35% são caminhões

Aliar segurança ao motorista com ações que possam ajudar no enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras, a começar pelas estradas paranaenses. Esse foi o objetivo da Concessionária Ecovia Caminho do Mar ao tornar-se signatária do Pacto Empresarial, em outubro de 2006.

Responsável pela operação e manutenção da BR-277, no trecho entre Curitiba e Paranaguá, principal elo com o maior porto do estado do Paraná, a Ecovia recebe anualmente cerca de 5,5 milhões de veículos, com médias diárias de 12 mil, mas com picos de até 20 mil – 35% do total referente ao transpor-

te de cargas. Entre as ações desenvolvidas pela empresa destacam-se a atuação junto aos caminhoneiros durante o evento Exposafra, a abordagem aos motoristas na semana do Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual Infantil, em 18 de maio, em conjunto com um programa totalmente dedicado à saúde do caminhoneiro.

Cerca de 500 caminhoneiros que participaram da última edição da Exposafra receberam informações sobre saúde, segurança e de como podem se tornar agentes de combate à exploração sexual. O evento, que acontece anualmente no pátio de triagem de Paranaguá, recebe mais de 5 mil motoristas.

Durante a Exposafra, a Ecovia Caminho do Mar ofereceu atividades como apresentação de simulações de resgate de acidentados, cortes de cabelo, distribuição de brindes e folhetos educativos, entre eles materiais de mobilização e conscientização do **Programa na Mão Certa**.

Em apoio ao Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual Infantil, a Ecovia instalou dois painéis alusivos ao programa ao longo da rodovia. A empresa também realizou, entre os dias 18 e 21 de maio, a abordagem direta aos caminhoneiros. Ao todo, 4,8 mil folders da campanha foram distribuídos no momento em que os profissionais passaram pela praça de pedágio, onde também foram convidados a participar do programa *Saúde Caminhoneiro*.

Criado em 2006, o *Saúde Caminhoneiro* é um programa dedicado exclusivamente aos motoristas que transportam cargas pela BR-277. “A iniciativa visa levar esclarecimentos aos motoristas em relação a cuidados básicos para se ter uma vida mais saudável”, explica o diretor-superintendente da Ecovia Caminho do Mar, Evandro Couto Vianna.



Painéis instalados ao longo da BR-277.



Arquivo/ Ecovia

Della Volpe envolve 51 filiais em ações de mobilização

Todos os motoristas que trabalham para a empresa são alcançados pelas ações de sensibilização

Buscar a melhoria contínua das ações empresariais e comprometer-se a participar efetivamente no enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras através de campanhas internas e externas. Esse foi o compromisso inicial assumido pela transportadora Della Volpe e que hoje se desdobra em diversas ações e mobilizações em favor das causas do **Programa Na Mão Certa**.

A empresa dispõe de uma frota de mais de 530 veículos, próprios, agregados e dedicados, além de um banco com mais de 13 mil carreteiros cadastrados, todos aprovados mediante um rígido programa de seleção e controle de motoristas e equipamentos.

Em julho de 2007, a transportadora assinou o **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras**. A partir de então, a Della Volpe preocupa-se em divulgar o programa e incluir nas ações todos os mais de 2 mil colaboradores nas 51 filiais nacionais, além de todos os motoristas que prestam serviços. Foi criado um comitê interno, formado por 11 membros que abrangem toda a hierarquia da empresa. Através dele estabeleceram-se as metas e os objetivos internos relacionados ao programa. A cada 20 dias, o andamento do programa é avaliado pelo comitê.

Atualmente, a empresa está executando a segunda fase planejada para o cumprimento do programa. Nela, a conscientização em relação ao enfrentamento da exploração sexual sofrida por crianças e adolescentes nas estradas brasileiras também está presente nos adesivos aplicados nos caminhões da empresa, em faixas espalhadas pelas unidades, nos treinamentos e na “integração”, atividade pela qual passam todos os novos funcionários contratados pela Della Volpe.

Atividades de integração envolvem colaboradores e motoristas.



As atividades de integração têm validade de um ano, tanto para colaboradores quanto para motoristas. Assim, uma vez por ano, todo colaborador ou prestador de serviço recebe cursos e treinamentos chamados de “reciclagem”, onde as orientações recebidas na integração são reforçadas, inclusive as ações do **Programa Na Mão Certa**.

“Não tínhamos tanta noção desse assunto tão vasto e preocupante, e a **Childhood Brasil** proporcionou isso para nós”, conta uma funcionária da área de recursos humanos da empresa, referindo-se ao mantenedor do **Programa**. Nesse sentido, o Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros é uma ferramenta que vem funcionando muito bem para a transportadora.

“A publicação facilita muito na sensibilização sobre o tema. Eles levam os guias para casa e discutem com a família”, afirma a analista de recursos humanos.

Arquivo/ Della Volpe

Gerdau: 37 mil colaboradores alcançados *pelas ações*

A empresa se prepara para implantar indicadores de resultados das iniciativas ligadas ao Programa Na Mão Certa

Uma das maiores empresas produtoras de aço no mundo, o Grupo Gerdau realiza, em média, 35 mil viagens mensais em rodovias por todos os estados brasileiros. Nesse processo, estão envolvidos diretamente mais de 6 mil motoristas profissionais, contratados através de empresas agenciadoras de risco. Para enfrentar o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas e disseminar essa cultura por todo o complexo instalado no Brasil, a companhia tornou-se signatária do **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras** em agosto de 2007.

Desde a assinatura, a Gerdau divulga o **Programa Na Mão Certa** em todas as suas unidades industriais. Além dos motoristas, essa ação envolve os 37 mil colaboradores da empresa. Através da criação de um comitê de responsabilidade



social, colaboradores realizam, voluntariamente, a gestão do programa e acompanham os resultados alcançados nas mobilizações junto aos caminhoneiros. Todas as ações são direcionadas pelo Instituto Gerdau.

Outra importante iniciativa desenvolvida pela companhia foi a inclusão do **Programa Na Mão Certa** nas ações de treinamento dos caminhoneiros, ao lado de temas como segurança, qualidade e meio ambiente. Um plano de ação foi desenvolvido para a sua implantação, que também é tema na pauta de reuniões bimestrais do comitê estendido de logística da empresa.

“Entendemos que toda empresa socialmente responsável quer sua marca associada ao bem-estar das pessoas. O Grupo Gerdau quer contribuir com a sociedade através dos nossos caminhoneiros, agentes de mudança nesse processo”, afirma Elenaudo Linhares, coordenador de transportes da companhia. “Nossa expectativa é que nossos caminhoneiros se tornem verdadeiros agentes de transformação de um problema que tanto envergonha nossa sociedade e que compromete seriamente o futuro de nossas crianças e adolescentes. É um grande desafio que precisa ser vencido”, completa.

A longo prazo, a empresa pretende implantar ações que visem o cumprimento dos compromissos assumidos no **Pacto Empresarial**, como a melhora na qualidade de vida dos caminhoneiros, o envolvimento dos fornecedores da cadeia de abastecimento e o estabelecimento de indicadores e monitores de resultados das ações do programa. O monitoramento da cadeia de negócios representa um importante passo no enfrentamento do problema. Ao mobilizar fornecedores e clientes, a empresa cria um círculo virtuoso que envolve centenas de outras organizações.



Arquivo/ Gerdau

Gafor investe na melhoria da *auto-estima* do caminhoneiro

O grupo entende que o caminhoneiro é peça fundamental para a consolidação de suas ações de responsabilidade social

Fazer do respeito ao ser humano um dos pilares na formação de novos motoristas. Esta é a meta do Grupo Gafor, signatário do **Pacto Empresarial** e apoiador do **Programa Na Mão Certa** desde julho de 2007. Fundado em 1951, o grupo começou trabalhando no setor de transporte rodoviário de cargas. Hoje atua na cadeia logística, desde transporte e armazenagem até distribuição, gerenciamento de processos, análises de cadeias logísticas e serviços de despacho aduaneiro.

Com 4,5 mil empregados diretos e indiretos, a Gafor possui 30 unidades operacionais distribuídas por Brasil, Argentina e Chile, 1,6 mil equipamentos de transporte e mais de 1,8 mil motoristas. Assim que se tornou signatário, o grupo iniciou uma série de ações, tendo como objetivo maior a formação da totalidade do quadro de motoristas em agentes de proteção. Começando pelo treinamento dos multiplicadores, o conjunto de ações passou por distribuição de materiais, conscientização de motoristas e divulgação do programa entre todos os colaboradores diretos e indiretos da empresa.

Através da análise de estatísticas sobre as rodovias com os maiores índices de exploração sexual de crianças e adolescentes, a Gafor iniciou as ações de conscientização de motoristas nas unidades do Espírito Santo e da Bahia. Em novembro, o programa foi apresentado na Semana de Prevenção de Acidente do Trabalho, evento que contou com a participação de colaboradores diretos e indiretos da empresa.

Ainda no último semestre de 2007, o grupo iniciou uma campanha de mobilização, que passou a ser realizada em todos os feriados nacionais. Durante as ações, todos os motoristas de caminhão que passavam pelo trecho da BR-101 que corta Linhares (ES) foram para-



dos, instruídos sobre os danos causados pela exploração sexual de crianças e adolescentes e de como tornar-se um agente contra esse crime, e receberam guias do programa e um kit com água e frutas.

Em 2008, a empresa divulgou o segundo volume do Guia para Caminhoneiros entre os profissionais dos dois estados. Para Gilson Sabino de Oliveira, gerente de recursos humanos do Gafor, o programa é, para o grupo, o início de uma grande mobilização em favor do motorista profissional que acaba refletindo na qualidade de atendimento e na responsabilidade social da empresa. “Reforçando a importância de cada motorista nessa luta, além de fortalecermos o programa, melhoramos a auto-estima de nossos profissionais. O motorista começa a ver o quanto ele é importante dentro do programa, enxerga a preocupação da empresa diante desse problema e começa a se engajar na causa.

Papel Social

Julio Simões investe em campanhas e parcerias

A empresa vai descredenciar postos e pontos de troca envolvidos com a exploração sexual

O Grupo Julio Simões é especializado em serviços de transportes e logística. Fundado em 1956, conta atualmente com mais de 12 mil colaboradores, 2 mil caminhões próprios e soma 17 milhões de quilômetros rodados todos os meses, a maior parte deles na Região Sudeste do país. Somente no transporte de cargas, a empresa conta com 30 mil motoristas profissionais cadastrados em seu quadro de prestadores de serviços.

Signatária do Pacto Empresarial desde junho de 2007, a Julio Simões incluiu o **Programa Na Mão Certa** no treinamento de todos os seus motoristas. Assim, todo novo profissional contratado recebe treinamentos sobre saúde, segurança e demais temas preparatórios, aliados a informações sobre o **Programa Na Mão Certa** e de como se tornar um agente de enfrentamento da exploração sexual nas estradas. A em-

presa também distribui periodicamente cartilhas, materiais informativos e Guias Na Mão Certa para Caminhoneiros a todos os colaboradores diretamente envolvidos no transporte de cargas. Ao todo, foram mais de 500 motoristas treinados e mais de 3 mil guias distribuídos.

A Julio Simões também publica bimestralmente o *Jornal Julio Notícias*, sempre com alguma informação relacionada ao programa e às iniciativas da empresa. Com tiragem de 15 mil exemplares, o informativo é distribuído entre clientes, fornecedores, prospects e colaboradores do grupo.

A empresa iniciou uma campanha que inclui adesivos nos veículos, outdoors, busdoors e lonas específicas sobre o programa. Já foram colados adesivos em 1.500 veículos da empresa, e banners e cartazes foram distribuídos em 65 filiais e pontos de apoio. A Julio Simões também investiu em outdoors nas principais rodovias nos estados da Bahia, de Minas Gerais e do Espírito Santo. Além disso, foram inseridos busdoors da campanha em ônibus das linhas municipais de Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba e Guararema e nas linhas intermunicipais que abrangem as cidades de Arujá, Biritiba Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis, Santa Isabel e Suzano.

Ainda para 2008, a empresa pretende fazer o descredenciamento de pontos e postos utilizados para troca de fretes e pernoite de motoristas que estejam listados no Guia para a Localização dos Pontos Vulneráveis à Exploração Sexual Infanto-Juvenil ao Longo das Rodovias Federais Brasileiras. Em parceria com o **Programa Na Mão Certa**, a empresa também estuda a viabilidade de inserções em rádios nas regiões Sudeste e Nordeste do país, onde há maior índice de pontos vulneráveis.



Grupo Julio Simões

Motoristas participam de treinamento sobre o Programa Na Mão Certa.



Arquivo/ Grupo Julio Simões

Pamcary conscientiza caminhoneiros

Com 1,5 milhão de caminhoneiros cadastrados, a empresa investe na mobilização em grande escala

Um dos desafios da Pamcary é despertar nos motoristas de caminhão, através da conscientização, a importância de se tornarem agentes de proteção contra a exploração de crianças e adolescentes nas rodovias. Com um banco com cerca de 1,5 milhão de motoristas e 180 mil veículos cadastrados, a Pamcary tornou-se signatária do **Pacto Empresarial** em março de 2007.

Desde a assinatura, a empresa implanta ações de prevenção, conscientização e mobilização dos motoristas contra a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. Nas 32 filiais espalhadas pelo país, a Pamcary possui um grupo de profissionais envolvidos com o **Programa Na Mão Certa**.

Em todos os pontos de distribuição, os motoristas são instruídos a respeito do problema, recebem material de apoio e informações sobre como se tornar, no seu dia-a-dia de trabalho, um agente de proteção dos direitos de crianças e adolescentes.

A Pamcary também incluiu o **Programa Na Mão Certa** em todos os treinamentos com novos motoristas e nas palestras sobre prevenção de riscos. Em média, de 10 a 25 palestras são ministradas todos os meses em diversos pontos do país, onde também são distribuídos materiais didáticos como o **Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros**, folhetos informativos e boletins periódicos.

Outra iniciativa da empresa foi a adoção de frases de impacto nas gravações telefônicas. Toda empresa cliente ou motorista que telefona para o 0800 da Pamcary ouve gravações que falam sobre a preocupação da empresa com o fim da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

A Pamcary também busca incentivar clientes e parceiros para aderirem ao **Pacto Empresarial** e estabele-

Central de atendimento da Pamcary incorpora mensagens de sensibilização aos motoristas.



PAMCARY®

ce, sempre que possível, parcerias com instituições ou empresas que já trabalham para combater esse crime.

Para Waldir Fernandes, diretor de desenvolvimento corporativo da Pamcary, conscientizar o motorista sobre os problemas relacionados à exploração sexual nas estradas, além de ser importante socialmente, reflete em segurança no transporte de mercadorias. “É importante que o motorista saiba que todo ponto de exploração pode refletir risco para a carga. Onde hoje há pontos de exploração, amanhã pode ser uma região com altos índices de roubo de mercadoria e acidentes, causados pela falta de atenção ou caronas. É perigoso para a empresa e mais ainda para o motorista”, explica.

Setor de papel e celulose se une contra a **exploração sexual**

Em uma iniciativa inédita, multinacionais assumem os compromissos do **Pacto Empresarial**

Em uma iniciativa inédita no setor, as empresas Suzano Papel e Celulose, Veracel e Aracruz Celulose assumiram publicamente a união de esforços para enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras. O evento ocorreu em Porto Seguro (BA), onde também foi assinado um termo de cooperação entre as três empresas e o **Programa Na Mão Certa**.

As empresas também se comprometeram a criar mecanismos de relações comerciais que estabeleçam compromissos dos fornecedores com os princípios do **Pacto Empresarial**.

Segundo Ricardo Mastroti, especialista

em sustentabilidade da Aracruz, a iniciativa vai ao encontro dos compromissos de responsabilidade social da empresa. “Reforçamos a nossa responsabilidade em nossa cadeia de negócios e na comunidade, contribuindo para a segurança nas estradas”, afirmou.

Para a Suzano, o **Pacto Empresarial** é uma forma de a empresa se posicionar de forma coerente perante as demandas da sociedade. “Iniciativas de apoio à cidadania, reintegração social, serviços comunitários, voluntariado e incentivos à solidariedade são ações que fazem a Suzano ser reconhecida por sua preocupação social. Fincamos bases sólidas para crescer de forma responsável”, afirma Luiz Cornacchioni, gerente de relações institucionais.

O compromisso social da Veracel para com seus colaboradores e as comunidades de sua área de atuação leva a empresa a investir em ações como essa. “Dentro da nossa cadeia de valores, queremos que empresas parceiras implantem ações que possam contribuir na luta contra a exploração sexual, como uma forma de zelarmos pelas gerações futuras, reforçando a visão sustentável da empresa”, declarou o consultor interno de meio ambiente, Luiz Quaglia.

O evento contou com a participação de clientes e parceiros das empresas. Foram apresentadas ações de enfrentamento do problema. As transportadoras Binotto, Gafor e Julio Simões mostraram as boas práticas implantadas desde a assinatura do **Pacto Empresarial** e os resultados já alcançados. Carolina Padilha, coordenadora do **Programa Na Mão Certa**, também participou do evento, apresentando o programa, os objetivos e as expectativas em relação a esse compromisso.



Empresas assinam o Pacto Empresarial.



Luft mobiliza a **cadeia de negócios**

O **Pacto Empresarial** passou a fazer parte do processo de integração de novos colaboradores

Fundado há mais de duas décadas, o Grupo Luft é um dos maiores grupos de logística da América Latina. Operando com foco na integração das cadeias de abastecimento, o grupo é formado por sete empresas e unidades de negócio especializadas em transporte de cargas expressas e sensíveis, alimentos, entretenimento, saúde, setor químico e petroquímico. Atualmente, o grupo possui 24 plataformas logísticas independentes, centros de distribuição estrategicamente localizados por todo o país e 1.500 motoristas de carretas e caminhões, todos contratados diretamente.

Signatário do **Pacto Empresarial** desde maio de 2007, o Grupo Luft divulga as ações e intenções do **Programa Na Mão Certa** em toda a sua cadeia de valor. O programa também está presente no treinamento não só de motoristas do grupo, mas de todas as pessoas envolvidas nos setores administrativo e operacional de suas unidades no Brasil. “O enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias passou a fazer parte do processo de treinamento e integração de todos os novos colaboradores”, complementa Cristiano Rosa, gerente de recursos humanos do grupo.

O programa também tem presença constante no *Luft News*. Com tiragem bimestral de 3 mil exemplares, o jornal interno do grupo possui uma seção dedicada exclusivamente ao **Programa Na Mão Certa**. Além disso, o Grupo Luft realiza atividades toda vez que os Guias Na Mão Certa para Caminhoneiros são distribuídos. Dessa forma, o motorista não só recebe o guia, mas também participa de atividades didáticas em equipe, onde cada assunto abordado na publicação é explicado amplamente e discutido.

Outra iniciativa bem-sucedida do grupo é a vincula-

Grupo de caminhoneiros participa de treinamento.



ção das ações de mobilização e conscientização ao programa Atuação Responsável. “O principal objetivo do Atuação Responsável é valorizar os profissionais que se destacam no grupo tendo atitudes seguras e

demonstrando preocupação e comprometimento com programas de saúde, segurança, meio ambiente e qualidade de vida. Sensibilizar nossos funcionários a respeito do programa dentro de atividades como essas garantem que eles se tornem agentes de proteção dos direitos de crianças e adolescentes”, explica Cristiano.

Para completar o conjunto de ações, treinamentos e palestras, o grupo realiza campanhas específicas em evento no dia do motorista e cola adesivos do programa nos veículos da empresa. Ainda estão previstas reuniões de mobilização envolvendo fornecedores e clientes, e ações de integração entre os setores da empresa tendo como tema condutor o **Programa Na Mão Certa**.

Volvo *ampara crianças em situação de risco*

Além de mobilizar a cadeia de negócios, a empresa atende diretamente crianças e adolescentes vítimas de violência sexual

Casas da Fundação Solidariedade, mantida pela Volvo.



O Grupo Volvo é uma das maiores organizações mundiais na área de soluções para o transporte comercial. Com 80 anos de tradição no mercado, o grupo é sediado na Suécia, atua em 180 países e conta com cerca de 83 mil funcionários. No Brasil, está presente em serviços financeiros, na comercialização de produtos e serviços dos setores de caminhões e de ônibus, com equipamentos de construção, e com importação e comercialização de motores marítimos e industriais. No Brasil, a Volvo foi fundada em 1977, e hoje emprega mais de 3 mil funcionários em duas unidades fabris, nas cidades de Curitiba (PR) e Pederneiras (SP).

Signatária do **Pacto Empresarial** desde novembro de

VOLVO

2006, a Volvo tem envolvido colaboradores, motoristas profissionais e donos de frotas no enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas brasileiras. Desde que passou a fazer parte do grupo de empresas signatárias, a empresa dissemina o assunto internamente, através de uma publicação institucional, e externamente, através da *Revista Eu Rodo*.

Anualmente, cerca de 5,5 mil caminhoneiros, autônomos ou agregados a empresas de transportes, participam dos treinamentos oferecidos pela Volvo no ato da compra do caminhão. Desde abril de 2008, a empresa incluiu ações de conscientização e prevenção à exploração sexual de crianças e adolescentes entre os temas dos treinamentos de motoristas profissionais, realizados na sede e em toda a rede de concessionárias do Brasil.

Para ampliar a disseminação desse tema, ainda em 2008, a empresa pretende iniciar uma mobilização que envolverá a rede de fornecedores, incentivando-os a assumirem o compromisso e a também assinarem o **Pacto**.

Desde 1989, a Volvo mantém a Fundação Solidariedade, criada com a missão de abrigar, oferecer educação, proteção e garantia de direitos a crianças e adolescentes em situações de risco. Através dela, crianças e adolescentes que antes estavam abandonados, negligenciados ou explorados sexualmente recebem bases de apoio e incentivo para o desenvolvimento moral, social e afetivo.

Com a ajuda da fundação, crianças são reintegradas às famílias de origem, quando possível, ou são incluídas em famílias substitutas. As que possuem idade apropriada, também são preparadas para o mercado de trabalho. Com a assinatura do **Pacto Empresarial**, o compromisso com a reintegração dessas crianças e adolescentes ao convívio social foi reforçado.

Arquivo/Volvo

Scania *sensibiliza compradores de caminhões*

Responsável por 40% da frota nacional, a empresa realizou mais de 30 ações de enfrentamento do problema

Uma das líderes mundiais na fabricação de caminhões pesados, ônibus e motores industriais e marítimos, a Scania também está entre as empresas signatárias do **Pacto Empresarial** que mais promoveram ações de mobilização e enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes.

Desde que passou a fazer parte do **Programa Na Mão Certa**, em setembro de 2007, a montadora realizou mais de 30 ações de enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias. “Entre as que já foram colocadas em andamento, estão cartas enviadas a todos os funcionários, comunicando a respeito do problema e da disposição da fábrica em enfrentá-lo”, informa o gerente de comunicação e marketing da Scania, Benedito Carneiro. Ele também enumera outras ações, como a inserção de mensagens nos boletins de cobrança e nas assembleias do Consórcio Scania Brasil.

Também há inserção de chamadas no programa de *TV SuperZerado* (veiculado semanalmente pelo SBT para todo o país) e matérias correlatas nas publicações institucionais da empresa.

Todos os meses, cerca de 500 novos veículos produzidos pela Scania são vendidos no Brasil. A marca representa 40% da frota nacional. Desde novembro de 2007, todos os veículos que deixam a linha de montagem da empresa são entregues aos compradores com exemplares do Guia Na Mão Certa para Caminhoneiros.

Em um país com dimensões continentais como o Brasil, a dificuldade, segundo o gerente Benedito Carneiro, é levar a mensagem como um meio e uma solução para erradicar a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas brasileiras.

Outra iniciativa da Scania que merece destaque é a

competição *Melhor Motorista de Caminhão do Brasil*. Lançada no Brasil em 2003, ela bateu recorde de participantes em 2007, com mais de 21 mil motoristas inscritos. Na edição 2008, iniciada em fevereiro, a valorização de motoristas responsáveis, comprometidos com a segurança nas estradas e com a redução de acidentes, foi reforçada com a inclusão de ações previstas pelo **Programa Na Mão Certa**.

Desde o início da edição 2008 de *Melhor Motorista de Caminhão do Brasil*, um consultor do **Programa Na Mão Certa** participa de cada etapa regional com a Apresentação para Caminhoneiros.



Vencedores do concurso Melhor Motorista de Caminhão.



Na divisa entre Mato Grosso e Pará, redes criminosas fazem tráfico de adolescentes para serem exploradas em prostíbulos ao longo da BR-163.

por Marques Casara
e Tatiana Cardeal

Castelo de Sonhos

Outdoor nas margens da BR-16, próximo à cidade de Matupá.



Matupá está localizada nas bordas da Floresta Amazônica, bem acima dos intermináveis campos de soja que dominam a paisagem brasileira desde o estado do Paraná, 2 mil quilômetros ao sul. O lugar foi desbravado por garimpeiros que chegaram nos anos 80 e ficaram até a segunda metade da década de 90, seguindo rumo ao norte, em busca do sonho dourado que parece estar sempre além, em jazidas cada vez mais distantes.

Este é um mundo onde as coisas acontecem à moda antiga, sem muito apego à vida ou respeito à morte, pois o que vale é a busca do Eldorado. Extinto o filão, seguem para outro garimpo, outras terras, em um eterno recomeço que nunca chega ao fim.

Depois da febre do ouro vieram os madeireiros, que ainda estão nesta região ao norte do Mato Grosso, forçando a fronteira agrícola nas rotas abertas pelo garimpo. Empunham motosserras e derrubam árvores com a mesma determinação que seus precursores escavaram o ou-

ro, em uma incansável guerra contra a selva e a malária.

Quando os garimpeiros foram embora de Matupá e deram lugar aos madeireiros, deixaram para trás os buracos na terra e um legado genético que chamam aqui de a herança do garimpo, filhos que mal conheceram ou nem sequer se deram ao trabalho de registrar. Ninguém sabe ao certo quantos são, pois em diversas ruas da cidade há uma casa onde vive o filho ou a filha de um pai que ficou menos do que o necessário para deixar saudades. Crianças que hoje estão na adolescência e têm um perfil muito parecido: baixa escolaridade, problemas de auto-estima, falta de referências familiares, pobreza, envolvimento com drogas e pequenos furtos.

Nesta reportagem, as adolescentes e seus pais tiveram seus nomes substituídos para protegê-los. Todas as entrevistas foram acompanhadas pelo Conselho Tutelar.

Mariana, 17 anos, é uma dessas garotas. Ela pouco fala com a mãe e vive com uma amiga desde que voltou pela segunda vez de Castelo de Sonhos, pequena cidade às margens da BR-163, a cerca de 230 km de Matupá, no centro-oeste do Pará.

Ela foi para lá pela primeira vez aos 15 anos, levada por uma mulher que trabalha no aliciamento e no tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual ao longo da BR-163. A mulher atravessa a divisa com o Pará, aciona sua rede de contatos no Mato Grosso e volta com duas ou três jovens, levadas para locais de prostituição localizados em Castelo de Sonhos, cidade que faz parte da região administrativa de Altamira, o

município com a mais extensa área geográfica do mundo, maior do que a Grécia.

O vilarejo, com cerca de 15 mil habitantes, é um porto seguro para os criminosos que controlam o tráfico de drogas e a exploração sexual no sul do Pará. O único policial civil do lugar anda a pé, pois não tem viatura. O posto da Polícia Militar tem um cabo e quatro soldados, que se revezam em um plantão ineficiente e incapaz de reprimir as ocorrências mais triviais. Eles têm viatura, mas não o combustível para movimentá-la.

Castelo de Sonhos é um distrito de Altamira, mas o problema é que está localizado a mais de mil quilômetros da sede. Qualquer questão que envolva a administração pública é praticamente inviabilizada pela distância. A estrada é de terra e boa parte do ano fica intransitável por causa das chuvas. É como um mundo perdido no meio da selva.

Em Castelo de Sonhos não tem Poder Judiciário, não existe Ministério Público e também não há um representante do Conselho Tutelar, que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, tem a função de zelar pelos direitos da infância e da adolescência.

Ausência do Estado

A primeira vez que Mariana foi levada de Matupá para Castelo de Sonhos foi em 2006. Na época, o Conselho Tutelar de Matupá foi acionado pela mãe da garota, informada de que ela havia sido aliciada pela mulher que faz o serviço na rota entre o Mato Grosso e o Pará.



A pavimentação da BR-163, entre a divisa do Mato Grosso e Santarém, prevista nas obras do PAC, pode contribuir para o agravamento da exploração sexual.

Avisado do ocorrido, o conselheiro tutelar de Matupá, Heraldo Rodrigo Ricieri, ligou para o orelhão próximo ao posto da Polícia Militar em Castelo de Sonhos informando a ocorrência. “Precisei ligar uns três ou quatro dias até que alguém atendesse”, recorda ele. “Quando finalmente consegui falar com um policial, ele disse que esse assunto não era com ele e que eu deveria procurar o Conselho Tutelar em Altamira, a mais de mil quilômetros dali.”

Matupá está bem mais perto de Castelo de Sonhos

Castelo de Sonhos é um lugar sem Poder Judiciário, sem Ministério Público e onde a polícia anda a pé por falta de viatura.



À esquerda, Mariana em frente ao portão de sua casa. Acima, trecho da BR-163 que liga Matupá à Castelo de Sonhos: 200 km de estrada de terra.



Fotos: Tatiana Cardeal

do que Altamira (230 quilômetros). Mas fica no Mato Grosso e a polícia local não pode cruzar a divisa com o Pará para buscar Mariana, a não ser que houvesse uma negociação entre os dois governos estaduais, o que nunca ocorreu desde a criação dos municípios.

Diante do impasse, Ricieri procurou o Conselho Tutelar de Altamira. Foi informado que nunca um conselheiro tutelar de Altamira foi ao distrito de Castelo de Sonhos. Caso desejasse ir até lá, com alguma sorte demoraria cinco ou seis dias para percorrer os mil e tantos quilômetros de estrada de terra.

Contudo, a logística envolvida seria gigantesca para os padrões locais. Falta pessoal, segurança, transporte e pousadas para pernoite na estrada que corta a selva.

Falta também um voluntário disposto a arriscar o pescoço, alguém com suficiente desprendimento para ir sem proteção a um lugar dominado pelo crime organizado. Para um conselheiro tutelar, entrar em Castelo de Sonhos desacompanhado seria como colocar a cabeça dentro da boca de uma onça. Chegando lá, o conselheiro nem sequer poderia contar com a proteção dos policiais locais. "Há denúncia de envolvimento de policiais com o crime organizado", diz o sindicalista rural

Aloísio Sampaio dos Santos, um dos poucos moradores de Castelo de Sonhos que aceitou falar sobre o problema, talvez porque isso não mude muito a sua situação, já que está na fila dos homens marcados para morrer.

Teoricamente, Santos está amparado pelo Serviço de Proteção à Testemunha da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Na prática, contudo, ele tem que se virar como pode, pois não recebe proteção alguma, já que a força pública local não passa de uma mera formalidade, para dizer o mínimo. "Vivemos sob constante ameaça e é perigoso sair às ruas", diz ele, que herdou a presidência do sindicato do também agricultor Bartolomeu Moraes da Silva, o Brasília, que foi assassinado com 12 tiros na cabeça, após uma longa noite de torturas.

O outro morador de Castelo de Sonhos que aceitou falar foi o líder comunitário e radialista Douglas Araújo, outro jurado de morte e que também está sob a proteção do Serviço, pelo menos no papel.

Araújo chegou a passar 15 dias e 15 noites escondido no forro de uma casa para fugir de pistoleiros que o procuravam ostensivamente por todo o vilarejo. "Estou sendo perseguido há oito anos. É um lugar sem lei, onde o Estado não existe de fato."

Este é o cenário de Castelo de Sonhos, para onde levaram Mariana pela primeira vez aos 15 anos. Ela ficou um ano sendo explorada sexualmente em um prostíbulo localizado na rua principal. Quando foi resgatada, ela estava grávida de oito meses.

Não houve uma mobilização municipal ou estadual para ir buscá-la, tampouco a ação de forças policiais. Quem tirou Mariana do prostíbulo foi a própria mãe, em um ato de desespero que colocou em risco a própria vida e a da filha grávida. "Ninguém quis me ajudar, fui lá sozinha", diz Lourdes, que resgatou a filha sem ser vista e voltou com ela de ônibus.

Dois anos depois, com o filho aos cuidados da avó, Mariana voltou a Castelo de Sonhos em companhia de uma aliciadora conhecida como Teresona, muito popular nos prostíbulos do sul do Pará, mas que todavia nunca foi incomodada pelas autoridades.

Tráfico de pessoas

Nas mãos uma traficante como Teresona, uma adolescente em boas condições físicas pode valer até 2 mil reais na venda para o prostíbulo, que recupera o dinheiro em menos de um mês.

No garimpo, uma adolescente pode ser vendida por até 10 mil reais. Dependendo da distância, da quantidade de mulheres à disposição dos clientes e do grau de repressão ou corrupção policial, pode valer ainda mais.

É um negócio bastante rentável e que prolifera às margens da ineficiência do Estado. No sul do Pará, onde as distâncias são medidas em dias e as polícias andam a pé, o tráfico de pessoas é uma atividade em alta.

Em maio de 2008, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) entregou um dossiê de 80 páginas à Comissão da Amazônia da Câmara dos Deputados. O documento cobra a intervenção imediata das autoridades federais, principalmente no sul do Pará, onde três bispos foram ameaçados de morte depois de denunciar o tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual. Desde 2006, sem sucesso, a CNBB tenta alertar as autoridades para o problema, quando uma rede de exploração foi denunciada pelo bispo José Luiz Azcona, hoje também sob ameaça de morte.

De lá para cá, ninguém foi indiciado e as redes continuam trabalhando normalmente. "Queremos alguma providência concreta para a situação dessas crianças e adolescentes", pede a secretária executiva da CNBB no Pará, Orlanda Rodrigues Alves. O alerta da CNBB foi enviado a organizações de direitos humanos em todo o mundo, na expectativa de que a pressão de fora ajude a sensibilizar as autoridades brasileiras.

"Na principal rua de Castelo de Sonhos é onde ocorre o tráfico de drogas e a exploração sexual de meninas a partir dos 12 anos. Aqui é mais fácil comprar drogas do que cigarro, a polícia é corrupta e está envolvida em torturas."

Douglas Araújo, radialista e líder comunitário.



Aloísio Sampaio dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Castelo de Sonhos: cabeça a prêmio.

À esquerda, a delegacia fechada em plena segunda-feira. À direita, o radialista Araújo no estúdio da emissora.



"Ela estava com uma barriga enorme e sentia muito medo. Fugiu do Cabaré pela janela dos fundos e conseguimos voltar sem sermos pegas."

Lourdes, mãe de Mariana.



Lourdes, em sua casa na cidade de Matupá.

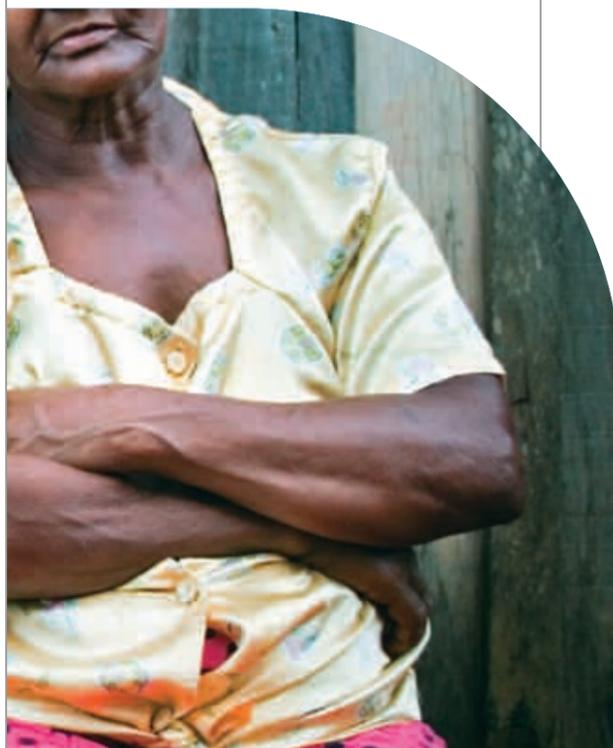
Na região de Castelo de Sonhos, as adolescentes aliciadas para fins de exploração sexual são oriundas, em sua maioria, dos municípios do norte do Mato Grosso. O aliciamento em um estado e a exploração sexual em outro facilita a vida dos exploradores, pois não existe sinergia entre as polícias dos dois estados.

Histórias comuns

Quando Mariana foi aliciada pela segunda vez, aos 17 anos, novamente teve que ser resgatada pela mãe, segundo ela, “à unha”: “Minha filha estava morando com um traficante. Ficava com ele de dia e trabalhava no cabaré à noite. Ela não queria vir, tive que trazer quase arrastada”, lembra a mulher, que trabalha em Matupá como faxineira e tem duas filhas.

“Dos nossos 11 filhos, perdemos três para a prostituição em Castelo de Sonhos.”

Francisca, agricultora em Matupá.



Francisca criou os netos gerados em Castelo de Sonhos.

Mariana é a mais velha, filha de um garimpeiro. A mais nova é filha de outro garimpeiro. Ambos passaram por Matupá na febre do ouro e foram embora do mesmo jeito que chegaram, sem deixar lembranças ou firmar compromisso com o que ficou para trás. “Os homens do garimpo são assim”, lembra Lourdes, resignada. A filha que foi aliciada, Mariana, é uma moça de pouquíssimas palavras. Nosso contato com ela aconteceu um mês depois de ter voltado de sua segunda viagem a Castelo de Sonhos. A conversa foi acompanhada pelo representante do Conselho Tutelar e ela optou por não responder perguntas ligadas à sua vida no Pará. Preferiu falar dos planos futuros: “estudar, arrumar emprego, sair com as amigas, ter um namorado”. Voltaria um dia a Castelo de Sonhos? “Não sei, talvez.”

Assim como Lourdes e sua filha Mariana, muitas famílias tiveram suas filhas adolescentes aliciadas por Teresona e por um casal também muito conhecido na região, Fernando Leite Pereira e Valquíria Rodrigues Correia.

Somente uma família teve três meninas aliciadas. São as filhas do casal Francisca e Roberto, agricultores aposentados que vivem atualmente em Matupá.

Francisca é atualmente responsável pela criação de quatro netos, filhos das adolescentes que foram embora. “Elas aparecem aqui, deixam os filhos e voltam sem dar explicações. Não sabemos se elas são forçadas a fi-

car por lá, pois não falam sobre isso”, comenta Roberto.

A primeira filha do casal foi levada aos 11 anos de idade. As outras duas aos 12, sempre do mesmo modo, aliciadas por uma mulher ou um casal. “Prometem para as meninas uma vida diferente, dinheiro, presentes, mas quando chegam lá encontram uma situação terrível e da qual dificilmente conseguem sair”, explica o conselheiro Heraldo Ricieri.

História parecida aconteceu com o casal Odete e Maurício, também agricultores aposentados que vivem na periferia de Matupá. No caso deles, a neta que estava sob seus cuidados é que foi aliciada, aos 15 anos. “Ela teve dois filhos em Castelo de Sonhos e trouxe para a gente criar”, lembra a avó. “Um dia, veio aqui e pegou o mais velho, de 3 anos, dizendo que iria visitar uma tia em Paranaguá. Ficou lá uns dias e o menino desapareceu. Depois, ela confessou que tinha vendido o filho para uma mulher que a procurou, uma história que até hoje a polícia não investigou até o fim.”

Segundo o relato dos avós, há alguns meses a neta voltou para buscar o outro filho, agora com 4 anos, mas os avós se recusaram a entregar. “Ela reclamou até cansar, mas não entregamos a criança”, conta Maurício. O menino ainda não foi registrado e os avós tentam agora vencer a burocracia para dar à criança uma certidão de nascimento e a matrícula escolar.

Investigação

Em Matupá e em outros quatro municípios, as investigações policiais estão a cargo de um único delegado, David Fernandes e Silva, um policial sobrecarregado pela falta de policiais na região. “Nenhum delegado quer vir pra cá”, diz ele.

Indagado sobre as investigações que envolvem a exploração sexual de crianças e adolescentes na região, diz que pouco pode fazer. “Só podemos investigar se houver representação criminal. O Estado deixou por conta da vítima a decisão de denunciar ou não.” Atualmente, na delegacia de Matupá não existe em andamento nenhuma investigação ligada à exploração sexual de crianças e adolescentes. “O que mais temos aqui é abuso, coisas que acontecem dentro da própria casa”, informa Fernandes.

Em 2006, as mães das dezenas de adolescentes levadas pelos aliciadores chegaram a acreditar em um final menos trágico para suas histórias. Graças à denúncia de uma dessas mães, um cerco da Polícia Militar do Mato Grosso prendeu, na rodoviária de Guarantã do Norte, a 50 quilômetros da divisa com o Pará, o casal de aliciadores já citados, Fernando Pereira e Valquíria Correia. O casal preparava-se para seguir viagem para Castelo de Sonhos levando duas adolescentes, entre elas a filha da mãe que fez a denúncia.

Adolescentes em situação de exploração sexual na BR-163.



Assistente social de Matupá (esq.) acompanha atividade pedagógica com adolescente vítima de violência sexual.





Presos em flagrante, foram levados para a delegacia de Guarantã do Norte. No dia seguinte, sem maiores explicações às mães e ao Conselho Tutelar, o casal foi posto em liberdade e nunca mais foi visto.

A reportagem foi à delegacia de Guarantã do Norte obter explicações sobre o que foi feito com o casal. Fizemos três visitas pessoalmente e sete ligações telefônicas. Em todos os contatos a resposta foi a mesma: “Ainda não localizamos o boletim de ocorrência ou o inquérito referente a essa prisão”, disse em todas as ocasiões em que foi procurada a escritã da delegacia, que se identificou apenas como Lúcia.

Na expectativa de que houvesse sido instaurado um inquérito por tráfico de pessoas, fomos ao Fórum de Guarantã do Norte, onde o responsável pela distribuição, Júnior Petroni, foi taxativo: “Aqui não chegou nenhum inquérito contra essas pessoas, vocês precisam procurar na delegacia”.

Tentamos então localizar o titular da delegacia na época da prisão, o delegado Richard Damasceno. Fomos informados de que havia sido transferido para Sinop, cidade na região central do Mato Grosso.

Em Sinop, a informação era de que o delegado estava preso desde o fim de 2007, acusado de ser o braço direito, dentro da polícia, do chefe do crime organizado no Mato Grosso, João Arcaño Ribeiro.

Em Matupá, o Conselho Tutelar tem um documento datado de 19 de dezembro de 2006. Diz o trecho final: “Na imediata ação, este Conselho Tutelar acionou o Comando da Polícia Militar e o Conselho Tutelar de Guarantã do Norte e dirigiu-se para aquela cidade, onde em um cerco no terminal rodoviário constatamos a presença de... (nome de uma adolescente), Valquíria Rodrigues Correia e Fernando Leite Ferreira, os quais diante do fato foram levados à Polícia Civil daquela cidade para as medidas cabíveis”.

É o registro oficial do único momento em que se che-

CONSELHO TUTELAR DE MATUPÁ
RUA LUIZ MENA, Nº 196 ZH2-001 – CENTRO DE MATUPÁ-MT

FIXA DE ATENDIMENTO

Nome: _____ Idade: 15 anos

Paí: _____

Mãe: _____

Endereço: _____, município de Matupá-MT

Indiciado: Valquíria Rodrigues Correia de 20 anos e Fernando Leite Pereira de 25 anos de idade.

Natureza: Tráfico e exploração sexual

RELATO

Aos 10 dias do mês de dezembro de 2006 o Conselho Tutelar de Matupá, recebeu uma denúncia de que adolescentes estariam sendo levadas para a cidade de Castelo do Sonho - PA, para serem exploradas sexualmente em uma casa de prostituição, diante dos fatos este CT começou as investigações. Foi levantado dois nomes de adolescentes,

chegar em Guarantã do Norte - MT (Divisa), e logo retornaria ao Pará. Na imediata ação este CT acionou a o comando da Polícia Militar e Conselho Tutelar de Guarantã do Norte e dirigiu-se para aquela cidade, onde em um cerco no terminal rodoviário constatamos a presença de Valquíria Rodrigues Correia e Fernando Leite Ferreira os quais diante do fato foram levados a Polícia Civil daquela cidade para as medidas cabíveis. Este CT determinou medida de proteção as duas adolescentes, as quais serão acompanhada pelo Programa SENTINELA.

Documento do Conselho Tutelar de Matupá registra a prisão do casal de aliciadores, posteriormente liberado pela Polícia Civil.

gou mais ou menos perto de se desvendar a rede de exploração sexual de crianças e adolescentes nesta região do país. Passados quase dois anos da prisão do casal, a região norte do Mato Grosso segue sendo um local confiável para a atuação das redes criminosas, facilitadas pela inoperância do Estado e pela corrupção dos órgãos responsáveis pela repressão ao crime organizado.

A estrada que liga o norte do Mato Grosso a Castelo de Sonhos, seguindo depois em direção a Santarém, é a BR-163. O asfaltamento desse trecho, com mais de mil quilômetros, está previsto para começar no segundo semestre de 2008, no âmbito das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Antes da pavimentação deveriam chegar as ações sociais que minimizariam os impactos da obra, que vai aumentar drasticamente o fluxo de caminhões que trafegam no caminho de Castelo de Sonhos.

Em Matupá, o medo é que a chegada dos caminhões aumente ainda mais a exploração sexual de crianças e adolescentes. Serão milhares de caminhões trafegando por aquele trecho e escoando principalmente a produção oriunda da agroindústria. É uma região onde famílias estão vendo suas filhas serem impunemente traficadas como mercadorias. O asfalto, contudo, parece que vai chegar antes das ações sociais.

Até quando essas mães terão que resgatar sozinhas suas filhas, à unha, como diz uma delas, é uma pergunta que ainda está em aberto no norte do Mato Grosso.

Placa de “boas-vindas” na entrada sul do vilarejo.





Não basta apenas doar

Previstos no ECA, os Fundos da Infância e da Adolescência oferecem aos investidores a possibilidade de acompanhar de perto os projetos e programas beneficiados por doações.

por Paola Bello

Foto: Ricardo Teles



Não só de campanhas e eventos são feitas as ações de responsabilidade social. Previstos no Artigo 88 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os Fundos da Infância e da Adolescência (FIA) são hoje uma das alternativas encontradas por empresas e pessoas físicas para apoiar programas e projetos. Por mais diferentes que sejam os beneficiados, o objetivo dos fundos é sempre o mesmo: promover ações que garantam a integridade e a aplicação dos direitos de crianças e adolescentes garantidos através do ECA.

Quando foram criados, na década de 90, a principal intenção dos FIA era oferecer aos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente, nos municípios e nos estados, maior independência na escolha dos programas beneficiados pelas doações. “Com a concentração dos recursos nos Conselhos, estados e municípios conseguem traçar uma política global. Esse tipo de política evita a pulverização dos recursos, a superposição e o paralelismo de ações, que sempre resultam em ineficácia e desperdício”, afirma Benedito Rodrigues dos Santos, secretário executivo do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

Distribuição de recursos

Hoje, através da descentralização da captação e do repasse dos recursos, os fundos estaduais e municipais também conseguem distribuir os investimentos de maneira mais homogênea entre todos os projetos aprovados. Assim, iniciativas importantes para a comunidade local, que não teriam tantos atrativos em nível nacional, também são beneficiadas. “Dependendo do estado e do município, há espécies de pedágios cobrados pelos Conselhos. Nesses casos, mesmo que uma empresa direcione a totalidade de sua doação para apenas um projeto, o Conselho destina uma porcentagem desse montante para ser aplicado em outros. Isso permite que projetos menos visados também recebam recursos e compense eventuais problemas de visibilidade”, explica Eduardo Pannunzio, consultor jurídico do Grupo de Institutos, Organizações e Empresas (GIFE).

À primeira vista, os FIAs são um incentivo para investir em projetos já existentes sem ter que desembolsar nada por isso. Aprovados previamente por conselhos municipais, estaduais ou nacional, os projetos recebem valores dedutíveis do Imposto de Renda. Para pessoas

físicas, o valor máximo a ser destinado é de 6%, enquanto para pessoas jurídicas até 1% do imposto pode ser deduzido e investido em projetos de apoio à infância e à adolescência.

Para Pannunzio, a dedução no Imposto de Renda é um atrativo, mas ainda existem muitas dúvidas sobre quem pode ou não utilizar os fundos. “Há um grande interesse em usá-los, mas, em geral, são poucas as pessoas e as empresas qualificadas para isso. Os FIAs limitam os doadores a determinados regimes de tributação. Só podem utilizá-los empresas que pagam impostos sobre o lucro real, o que já exclui a maioria das pequenas que, em geral, possuem lucro presumido. E, entre as pessoas físicas, só podem doar através do fundo aquelas que utilizam o modelo completo de tributação, que ainda são uma parcela pequena da população”, explica.

Acima da questão financeira, a utilização dos Fundos da Infância e da Adolescência representa uma boa ação no quesito responsabilidade social. Diferente de outras fontes de captação de recursos, os fundos oferecem a flexibilidade de escolha do destino dos incentivos, além da possibilidade de acompanhamento constante por

parte dos investidores. “Mais do que oferecer recursos, as empresas passam a ser envolvidas e atraídas pela causa. Muitas conseguem mobilizar seus funcionários e colaboradores a também contribuir. É o ciclo vicioso do bem, tão importante ou mais que o montante doado pela empresa”, completa Pannunzio.

Acompanhamento

Quando aliados a um planejamento detalhado envolvendo ações previstas e resultados esperados, os FIAs auxiliam as empresas a gerenciar melhor todo o ciclo que envolve doações para projetos socialmente responsáveis. Através da abertura que oferecem para acompanhamento contínuo, esses fundos possibilitam que os investidores questionem resultados e que instituições beneficiadas prestem contas sobre o dinheiro recebido.

“É importante que as empresas conheçam melhor, participem e acompanhem os programas que ajudam financeiramente. Não basta doar por doar; tem que entender os temas prioritários do fundo, como ele está sendo gerido e os projetos que foram escolhidos para serem beneficiados”, afirma Carolina Padilha, coorde-

Como fazer doações através dos FIAs

Utilizar os Fundos da Infância e da Adolescência é uma alternativa fácil, mas que requer alguns cuidados. A seguir, você encontra um guia prático de passos a serem seguidos, que podem ajudar empresas a usá-los de forma correta e responsável.

1. Escolha o fundo de acordo com os projetos que estão entre os interesses da empresa. Os fundos podem ser Nacional, Estadual ou Municipal. Quanto mais próximo dos lugares de atuação da empresa, mais fácil de acompanhar os projetos.
2. Se a escolha for a partir do fundo, entre em contato com o conselho escolhido para saber quais são os projetos aprovados. Se a escolha for a partir de um projeto específico, entre em contato com o conselho para saber as possibilidades de contribuição. Verifique se o FIA já foi criado, regulamentado e implementado, e peça os dados bancários para depósito.
3. Após depositar o valor na conta indicada pelo Conselho, envie uma cópia do comprovante para o Conselho escolhido, informando seus dados. Eles enviarão um recibo de destinação ao FIA.
4. Os Conselhos têm autonomia para instituir regras de doação. Por isso, antes de fazer qualquer depósito, entre em contato com o Conselho para verificar os procedimentos corretos.
5. Para deduzir o valor do Imposto de Renda, é preciso que a declaração seja feita no formulário completo e que a destinação seja feita no ano-base da declaração. Se você tem restituição a receber, imposto a pagar ou se o seu imposto pago durante o ano foi o valor exato devido, você pode participar e destinar recursos beneficiando-se dessa lei.
6. A dedução dos valores destinados ao FIA não prejudica outras deduções, como aquelas relativas a dependentes, saúde, educação e pensão alimentícia.



“Estados e municípios conseguem traçar uma política global de atendimento.”

● **Benedito Rodrigues**
secretário executivo do Conanda.

nadora do Programa na Mão Certa. “Os Fundos da Criança e do Adolescente são um instrumento muito interessante no processo de as empresas começarem a olhar para as questões sociais e participar dessas discussões. Mas essa contribuição não pode se esgotar na doação”, completa.

Casos de sucesso

Entre as empresas que utilizam os FIAs com responsabilidade está a Suzano Papel e Celulose. Desde 2005, ela utiliza o fundo para destinar recursos a programas e a entidades nas cidades onde estão as maiores áreas de plantio de eucalipto e onde há unidades industriais instaladas. “Em 2006, destinamos quase R\$ 141 mil a 14 Conselhos Municipais. Em 2007, mesmo com crédito de Imposto de Renda e sem poder utilizar o incentivo, doamos R\$ 150 mil para 19 conselhos”, afirma Luiz Cornacchioni, gerente divisional de Relações Institucionais da Suzano Papel e Celulose.

Para a Suzano, utilizar os FIAs, além de apoiar uma política pública, contribui para fortalecer as comunidades onde a empresa atua. “Além disso, essa prática está aliada a nossa estratégia de diálogos sociais, na qual visamos estimular ações comunitárias com propostas de desenvolvimento local sustentado. Nessa ação, a empresa não é o principal ator, mas parte da comunidade onde atua”, completa Cornacchioni.

Beneficiar as localidades onde atua também é o objetivo da Duratex. A empresa começou a utilizar os fundos em 2004, apoiando sete projetos na cidade de Jundiá (SP). Em 2007, foram 11 projetos em diversos municípios, todos alinhados à política interna e às ações e programas mantidos pela empresa. Para a Duratex, tão importante quanto investir é acompanhar e se envolver com cada projeto apoiado. “Ajudamos projetos que per-

Foto: arquivo Conanda

Foto: arquivo GIFE

mitem a inclusão social de crianças e adolescentes em situação de risco, que contribuem para o reforço escolar e que colaboram para o aprendizado profissionalizante. Com a estrutura de acompanhamento permitida pelos FIAs, asseguramos que os recursos são efetivamente aplicados em benefício das crianças carentes das comunidades envolvidas”, explica Cassius Marcellus Zomignani, gerente de assuntos sindicais da Duratex.

O Grupo Votorantim também merece destaque entre as empresas que utilizam os FIAs e acompanham as aplicações.

Através do Instituto Votorantim, todas as empresas do grupo podem destinar recursos para projetos sociais.

Também está entre as prioridades do instituto o apoio a projetos cadastrados nos Conselhos municipais nas cidades onde atuam. “Em 2006, beneficiamos seis instituições.

Em 2007, 22 projetos foram escolhidos e, em 2008, já são 50 projetos patrocinados pelo grupo em 46 municípios por todo o Brasil”, comemora Sueli Chiozzotto, gerente de relacionamento corporativo do Instituto Votorantim.

Para melhor apoiar e acompanhar todos os projetos beneficiados, o Instituto Votorantim criou o VIA – Programa Votorantim de Apoio ao Estatuto da Criança e do Adolescente. Através dele, funcionários das empresas do grupo acompanham os projetos na tentativa de reforçar a rede de proteção aos direitos das crianças e dos adolescentes. “Também apoiamos remotamente os



“Antes de doar, é importante a empresa ou a pessoa certificar-se do regime tributário que possui.”

● **Eduardo Pannunzio**
consultor jurídico do GIFE.

projetos e oferecemos oficinas com foco na gestão, na busca de auxiliar as instituições a atuarem de forma mais ampla e eficiente”, completa Sueli.

Para o consultor Pannunzio, ações como essas reforçam a importância do acompanhamento e o envolvimento das empresas com os programas que apoiam financeiramente. Doações dedutíveis de impostos são uma pequena contribuição que devem servir para introduzir a preocupação social no meio empresarial. “Os FIAs devem servir como o início, e não como a ação única socialmente responsável no meio empresarial. As empresas brasileiras precisam começar a ver a responsabilidade social como mais uma arma favorável no mercado, já que eles reforçam a imagem da própria empresa. Hoje, os clientes exigem ações como essas, e isso não pode ser visto como algo negativo, pois só beneficiam tanto a imagem da empresa quanto a comunidade onde ela atua”, completa.

Pouca utilização

Apesar das boas intenções, mesmo após 18 anos da criação, os fundos ainda são pouco utilizados. Atualmente, todos os estados brasileiros têm Conselhos próprios, mas em estados como Amazonas, Paraíba e Tocantins, menos de 80% dos municípios possuem Conselhos Municipais. O resultado dessa falta de agilidade na criação de mecanismos em prol dos direitos das crianças e dos adolescentes foi mostrado em uma pesquisa encomendada pela própria Conanda

à Fundação Instituto de Administração da Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa indicou que apenas 12% dos Conselhos Estaduais e 20% dos Conselhos Municipais de direitos possuem diagnóstico sobre a situação de suas crianças e seus adolescentes. Entre os estaduais, 36% ainda estão em fase de planejamento do diagnóstico. A porcentagem é similar nos municípios, dos quais 35% também não saíram da fase de planejamento. A pesquisa ainda revelou que 71% dos Conselhos Municipais possuem fundo

regulamentado, mas apenas 39% desses municípios receberam algum aporte através desse recurso. Para os pesquisadores do Instituto da USP, a situação é ainda mais grave quando se analisa a falta de controle e o acompanhamento dos próprios gestores dos fundos. Segundo texto da pesquisa, há “falta de informações por parte dos Conselhos Municipais quanto aos valores recebidos discriminados por fonte; valores recebidos anualmente; e valores efetivamente usados”.

Elder Cerqueira-Santos

O papel do multiplicador

A pesar de levantar um problema nacional e tocar numa das feridas da nossa sociedade – a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras –, o **Programa Na Mão Certa** traz uma abordagem positiva e perspectivas de mudança para esta realidade. Ao propor trabalhar com um foco específico dentro desta problemática, o **Programa** conta com dois atores de relevante importância. De um lado, o caminhoneiro. De outro, o multiplicador indicado pelas empresas.

O multiplicador é o canal de informação entre o **Programa Na Mão Certa**, representado pelas empresas, e o caminhoneiro, visto aqui como possível agente de proteção dos direitos de crianças e de adolescentes.

Sendo o multiplicador o encarregado de falar com o caminhoneiro em nome do **Programa Na Mão Certa** e da empresa para a qual trabalha, algumas características devem ser consideradas sobre esta missão, destacando-se duas: informação e empatia.

Como disse Benjamin Franklin, informação se adquire! Mas como trabalhar a empatia e conseguir transmitir essa informação para um público diretamente envolvido com a problemática? Afinal, o caminhoneiro é um potencial cliente da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas, e 36% deles admitem terem passado por essa experiência.

Empatia trata da capacidade de vivenciar e compartilhar os sentimentos de outrem. Assim, leva a uma melhor compreensão de seus comportamentos, motivações e decisões. Entender as necessidades, os sentimentos e os problemas de algo que não é necessariamente seu está na base dessa faceta psicológica. Dessa forma, parece que a informação pode colaborar no desenvolvimento da empatia, uma vez que é urgente para o entendimento do outro.

Entender a problemática da exploração, e mais, en-



Foto: Papel Social

tender o papel do caminhoneiro neste cenário, parece fundamental. O multiplicador deve então colocar-se no lugar do caminhoneiro e rever o fenômeno a partir do seu ponto de vista, seja como espectador ou como cliente do mercado do sexo. É preciso conhecer as entranhas da profissão e repensar alguns valores para pensar como modificá-los.

Com um papel duplo, pessoal e institucional, o multiplicador coloca o **Programa Na Mão Certa** e a empresa signatária como modelos de ação de proteção dos direitos da criança e do adolescente, longe de uma episteme maniqueísta de julgamento de valores sobre a vida sexual do caminhoneiro. O discernimento entre o direito e o dever deste profissional como cidadão deve estar bem claro nesta abordagem. Trata-se, acima de tudo, de um compromisso ético que envolve ações institucionais e atitudinais.

Como sujeito portador de informação, o multiplicador pretende sensibilizar os seus interlocutores a partir de uma abordagem intimista e compreensiva. Mais uma vez, Franklin nos ensina: “Conte-me e eu esquecerei, ensine-me e eu lembrarei, envolva-me e eu aprenderei”.

O **Programa Na Mão Certa** objetiva uma mudança de valores para uma classe profissional pouco compreendida, mas que tem o potencial de mudar uma realidade cruel, vivenciada diariamente. Para isso, basta que ele se sinta envolvido e consciente do seu papel. O multiplicador é a personificação empática do **Programa Na Mão Certa** e das empresas signatárias. Carrega a responsabilidade de trabalhar com as palavras, mas também com os sentimentos.

Elder Cerqueira-Santos, doutor em Psicologia pela UFRGS/University of Nebraska-USA, é professor e consultor.
E-mail: eldercerqueira@yahoo.com.br





PACTO EMPRESARIAL



CONTRA A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS RODOVIAS BRASILEIRAS

AS EMPRESAS E DEMAIS ORGANIZAÇÕES SIGNATÁRIAS DESTE PACTO

- Conscientes de que a sociedade civil brasileira espera dos agentes econômicos a declaração de adesão a princípios, atitudes e procedimentos que possam contribuir para a promoção e garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil;
- Determinadas a propagar boas práticas de ética empresarial, que possam erradicar a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias brasileiras;
- Cientes de que a erradicação da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, em especial, nas rodovias brasileiras, depende de um esforço de todos os responsáveis – governo, iniciativa privada e sociedade civil organizada – para mobilizar e envolver nesta ação um número cada vez maior de empresas, entidades representativas e organizações civis.

ASSUMEM PUBLICAMENTE OS COMPROMISSOS DE:

1. Intervir com ações e procedimentos junto à rede de serviços de transportes e aos prestadores de serviços ligados ao setor de transportes, levando o caminhoneiro a atuar como agente de proteção, objetivando eliminar a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias brasileiras:
 - a. Promover discussão e tratamento amplo das questões que afetam a qualidade de vida no trabalho do caminhoneiro, propondo soluções;
 - b. Inserir o tema nos programas presenciais e/ou a distância de treinamento, educação continuada, formação profissional e atendimento do caminhoneiro;
 - c. Disseminar as boas práticas que podem ser adotadas pelos diversos grupos de empresas da iniciativa privada e entidades empresariais.
2. Participar, como signatário deste pacto, de campanhas de enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias brasileiras, em caráter contínuo e permanente.
3. Criar mecanismos nas relações comerciais que estabeleçam compromissos com seus fornecedores, especialmente aqueles diretamente envolvidos com a cadeia produtiva dos serviços de transporte para que, igualmente, cumpram os princípios e compromissos deste pacto.
 - a. Definir restrições comerciais àquelas empresas e/ou pessoas identificadas na rede de transportes que permitam, utilizem ou facilitem a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias brasileiras.
4. Informar e incentivar todas as pessoas que integram as estruturas da empresa ou entidade a participar das ações de enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias brasileiras.
5. Apoiar, com recursos próprios e/ou do Fundo da Infância e da Adolescência (FIA), projetos de reintegração social de crianças e adolescentes vulneráveis à exploração sexual comercial ou vítimas dela, garantindo-lhes oportunidade para superar sua situação de exclusão social. Tais projetos podem ser implementados em parceria com as diferentes esferas do governo e organizações sem fins lucrativos, visando sua maior efetividade.
6. Monitorar a implementação das ações descritas acima e o alcance das metas propostas, tornando públicos os resultados desse esforço conjunto.
7. No caso de federações e entidades empresariais representativas, considerando que estas não possuem poder fiscalizador, o compromisso consiste em recomendar a seus associados que observem as práticas recomendadas no presente pacto.
 - a. Tomar todas as iniciativas para que um número cada vez maior de empresas e organizações afiliadas venham a aderir ao presente pacto.
8. O Instituto WCF-Brasil, com o apoio do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, assume as responsabilidades adicionais de:
 - a. Criar e disponibilizar um site do programa de enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias brasileiras, com este pacto;
 - b. Criar e disponibilizar ferramentas (ações, conteúdos, boas práticas e outras sugestões) para implementação nas empresas;
 - c. Divulgar experiências, de forma a promover a multiplicação de ações que possam contribuir para o fim da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias brasileiras.



**Na mão
certa**

Para aderir ao pacto acesse www.namaocerta.org.br

» apoiadores

Organizações Parceiras



Parceiros Operacionais



Parceiros Técnicos



Apoio ao Programa Na Mão Certa



Iniciativa:

CHILDHOOD

INSTITUTO WCF-BRASIL
www.wcf.org.br

Apoio Técnico



Organização
Internacional
do Trabalho

Parceiro Estratégico



Apoiadores

